Organização das Nações Unidas
para a Alimentação
e a Agricultura

Estudo do sector dos produtos do mar em São Tomé e Príncipe

Descrição qualitativa/quantitativa das cadeias de abastecimento e de valor

©FAO/Lionel Kinadjian

Canoa monóxilo a rede de emalhar (Porto Alegre)

Estudo do sector dos produtos do mar em São Tomé e Príncipe

Descrição qualitativa/quantitativa das cadeias de abastecimento e de valor

Elaborado por
Alioune SY, Consultor Internacional FAO
e
Olívio Soares Diogo
Consultor nacional FAO

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura

Roma, 2019

Sy, A. e Soares Diogo, O. 2019. *Estudo do sector dos produtos do mar em São Tomé e Príncipe: Descrição qualitativa/quantitativa das cadeias de abastecimento e de valor.* Roma, FAO.

As designações usadas e a apresentação do material neste produto de informação não implicam a expressão de qualquer opinião por parte da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) sobre o status legal, ou de desenvolvimento de qualquer país, território, cidade, área, ou sobre suas autoridades competentes, ou relativas à delimitação de suas fronteiras ou limites. A menção de empresas específicas ou produtos de fabricantes que tenham sido ou não patenteados, não implica que estas tenham o endosso, ou recomendação da FAO, em detrimento de outras de natureza similar que não tenham sido mencionadas.

As opiniões expressas neste produto de informação são de responsabilidade de seu(s) autor(es) e não são necessariamente as opiniões ou políticas da FAO).

ISBN 978-92-5-131820-1
© FAO, 2019

Alguns direitos reservados. Este trabalho é oferecido sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 IGO (CC BY-NC-SA 3.0 IGO; https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/igo/legalcode).

De acordo com os termos desta licença, este trabalho poderá ser copiado, redistribuído e adaptado para fins não comerciais, desde que o trabalho seja devidamente citado. Em qualquer uso do trabalho, não deverá haver qualquer sugestão de que a FAO endosse qualquer organização, produto ou serviço específico. Não é permitido o uso do logotipo da FAO. Se o trabalho for adaptado, o mesmo deverá estar sob a mesma licença, ou outra equivalente da Creative Commons. Se o trabalho for traduzido, a tradução deverá incluir, juntamente com a citação obrigatória, o seguinte aviso: "Esta tradução não foi realizada pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). A FAO não responsáveis pelo conteúdo ou fidelidade da tradução. A versão [na Língua] original será a versão oficial.

Os litígios decorrentes da licença e não resolvidos amigavelmente serão solucionados por mediação e arbitragem, de acordo com o Artigo 8 da licença, salvo disposições em contrário expressas neste documento. As regras de mediação a serem aplicadas serão as da Organização Mundial da Propriedade Intelectual http://www.wipo.int/amc/en/mediation/rules e qualquer arbitragem deverá estar em conformidade com as Regras de Arbitragem da Comissão das Nações Unidas para o Direito Comercial Internacional (UNCITRAL).

Materiais de terceiros. Os usuários que reutilizem os materiais deste trabalho que tenham sido atribuídos a terceiros, tais como tabelas, ilustrações ou imagens, serão os responsáveis em determinar se uma autorização para tal reutilização é necessária e em obter a autorização do detentor dos direitos autorais. As possíveis demandas resultantes da violação de qualquer parte do trabalho que pertença a terceiros serão responsabilidade exclusiva do usuário.

Vendas, direitos e licenciamento. Os produtos de informação da FAO encontram-se no site da FAO (www.fao.org/publications). Podem ser adquiridos em: publications-sales@fao.org. Pedidos para uso comercial devem ser encaminhados para: www.fao.org/contact-us/licence-request. Envie consultas sobre direitos e licenciamento para: copyright@fao.org

Fotografia de capa: ©UNSPLASH/Cristian Palmer

Índice

Siglas e abreviaturas v
Resumo vi

1. DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO 2

2. RESULTADOS DO ESTUDO 6
2.1 Introdução 6
2.2 Análise descritiva do sector dos produtos da pesca em São Tomé 6
2.3 Diagnóstico do sector 17
2.4 Avaliação da riqueza criada pelos agentes e nos subsectores 24
2.5 Propostas de ideias de projectos em apoio à promoção do sector 29

3. ANEXOS 34
Anexo 1: Metodologia de elaboração do quadro das quantidades e valores 34
Anexo 2: Metodologia geral de elaboração das contas 36
Anexo 3: Apresentação das contas de exploração 37
Anexo 4: Metodologia de avaliação do valor acrescentado 46
Anexo 5: Quadros cruzados agentes - subsectores 48
Anexo 6: Questionário 52
Anexo 7: Lista das pessoas encontradas 59
Anexo 8: Bibliografia 60

QUADROS E GRÁFICOS

Quadro1 | Quadro das quantidades pescadas por origem e por destino em 2015 8
Quadro 2 | Identificação dos subsectores 14
Quadro 3 | Valor acrescentado criado pela fileira nacional e distribuição entre os segmentos 24
Quadro 4 | Resultados comparativos da pesca nacional e estrangeira 24
Quadro 5 | Amostra do inquérito 36
Quadro 6 | Conta de exploração de canoa à vela, rede de emalhar de deriva 37
Quadro 7 | Conta de exploração canoa motorizada rede de emalhar de deriva 37
Quadro 8 | Conta de exploração canoa motorizada redes de cerco 38
Quadro 9 | Conta de exploração canoa à vela linha 39
Quadro 10 | Conta de exploração da canoa motorizada linha 39
Quadro 11 | Conta de exploração da canoa PRAO 40
Quadro 12 | Conta de exploração de barco da pesca semi-industrial 30 à 40 CV 41
Quadro 13 | Conta de exploração de barco da pesca semi-industrial 250 a 300 CV 42
Quadro 14 | Conta de exploração de palaiês (produtos frescos) 43
Quadro 15 | Conta de exploração do comerciante por grosso 43
Quadro 16 | Conta de exploração de uma unidade de fumagem 44
Quadro 17 | Conta de exploração de uma unidade de salga/secagem 45
Quadro 18 | Cálculo do V.A para captura 46
Quadro 19 | Cálculo do V.A para comercialização de fresco 46
Quadro 20 | Cálculo do valor comercial dos produtos transformados 47
Quadro 21 | Cálculo VA dos produtos transformados 47
Quadro 22 | Cálculo do valor comercial dos produtos transformados 47
Quadro 23 | Avaliação do V.A total do sector 48
Quadro 24 | Quadro cruzado agentes - subsector | Volume de negócios próprio 48
Quadro 25 | Quadro cruzados agentes - subsectores | Distribuição dos agentes em subsectores 50

Gráfico1 | Representação gráfica do sector das pescas de STP em 2015 9
Gráfico 2 | Distribuição do valor acrescentado directo (VAD) entre a pesca nacional e a pesca estrangeira 25
Gráfico 3 | Distribuição por segmentos do valor acrescentado criado pelo sector nacional 25
Gráfico 4 | Distribuição do valor acrescentado criado pelo sector nacional no segmento captura 26
Gráfico 5 | Distribuição do valor acrescentado criado pelo sector nacional no segmento comercialização 26
Gráfico 6 | Distribuição do valor acrescentado criado pelo sector nacional no segmento transformação 26
Gráfico 7 | Distribuição do valor acrescentado criado pelo sector nacional entre os agentes do sector 27
Gráfico 8 | Distribuição do valor acrescentado em subsectores nacionais 28
Gráfico 9 | Contribuições em percentagem (%) dos subsectores de valor acrescentado criado pelo sector nacional 28

Siglas e abreviaturas

BAD	Banco Africano de Desenvolvimento
COPAFRESCO	Cooperativa de venda de peixe fresco sob gelo
DCP	Dispositivo de Concentração de Peixes
DGP	Direcção-Geral das Pescas
DUE	Delegação da União Europeia
FAO	Organização das nações unidas para a Alimentação e a Agricultura
FIDA	Fonds d'Investissement pour le Développement Agricole
FFOM	Forças Fraquezas Oportunidades Ameaças
MARAPA	MAR Ambiente e Pesca Artesanal (Mar Ambiente e Pesca Artesanal)
ONG	Organização não-governamental
PAM	Programa Alimentar Mundial
PAPAFPA	Projecto FIDA/AFD de Apoio Participativo à Agricultura Familiar e a Pesca Artesanal
PNASE	Programa Nacional de Alimentação e de Saúde Escolar
PNIASAN	Plano Nacional de Investimento Agrícola de Segurança Alimentar e Nutritiva
PRIASA	Projecto (BAD) de Reabilitação das Infra-estruturas de Apoio à Segurança Alimentar
PROFOPESCAS	Projecto (UE) de Reforço da Sociedade Civil para o Desenvolvimento Socioeconómico do Sector da Pesca à STP
RAP	Região Autónoma de Príncipe
SNRP	Estratégia Nacional de Redução da Pobreza
STP	São Tomé e Príncipe
UE	União Europeia
VA	Valor acrescentado
VAD	Valor Acrescentado Directo
ZEE	Zona Económica Exclusiva

Resumo

O sector das pescas de São Tomé e Príncipe desempenha um papel importante no desenvolvimento económico e social do país, apesar do potencial de desenvolvimento limitado dos recursos haliêuticos ligado ao contexto físico e às condições ambientais pouco favoráveis (plataforma insular estreita, upwellings costeiros pobre e inexistência de grandes estuários). A pesca na zona costeira proporciona numerosos empregos e rendimentos à uma parte importante da população.

O sector é composto por 3 segmentos:

i) um segmento captura com uma componente nacional e uma componente estrangeira constituída actualmente pelos navios atuneiros da União Europeia;

ii) um segmento de grossistas ocupado principalmente pelas palaiês maioritariamente constituídos de mulheres mas também uma pequena categoria de comerciantes colectores de peixe que os fornecem principalmente aos hotéis;

iii) um segmento transformação artesanal dos produtos da pesca maioritariamente ocupado também pelas mulheres palaiês. A análise da cadeia de valor permitiu identificar os Agentes económicos constitutivos do sector e cujas contas de exploração foram elaboradas. 6 Agentes nacionais foram posicionados, nomeadamente: pesca artesanal, pesca semi-industrial, palaiês, comerciantes colectores grossistas de peixe, associações de pescadores e palaiês, comerciantes grossistas de produtos transformados. A pesca industrial estrangeira é o 7o Agente. 11 subsectores foram identificados, entre as quais:

- 9 subsectores alimentados pela pesca artesanal, dos quais 5 referem-se ao peixe fresco e 4 ao peixe transformado;
- 2 subsectores alimentados pela pesca semi-industrial rerespeitantes exclusivamente ao peixe fresco.

A análise diagnóstica da cadeia de valor evidenciou as principais fraquezas e constrangimentos para o seu desenvolvimento, em especial:

i) um regulamento das pescas pouco aplicado que gera uma sobreexploração e más práticas de pesca;

ii) as importâncias das perdas pós-captura ligadas à fraqueza da cadeia de frio;

iii) os incumprimentos dos princípios e práticas de higiene básicos ao longo de toda afileira;

iv) os constrangimentos energéticos que se vive de maneira geral no país mas que afecta principalmente o sector das pescas;

v) a ausência de controlo e regulamento da profissão de palaiês que conduz à pletora das mesmas e uma ineficiência do sistema de comercialização;

vi) as ausências de mecanismos de financiamento adaptados às actividades;

vii) pesca semi-industrial pouco eficiente. Ressai também deste diagnóstico que a fileira dispõe de oportunidades de crescimento relacionadas com o pedido dos hotéis e as possibilidades de colocar no mercado produtos elaborados e transformados. Mas, para apreender estas oportunidades, mudanças devem operar-se e referem-se principalmente à melhoria da cadeia de frio, ao reforço e à aplicação das normas de higiene e de salubridade, à profissionalização dos actores, à melhoria dos métodos de transformação, etc.

O valor acrescentado criado pelo sector nacional das pescas em 2015 é avaliado em 588 210 204 000 Dobras, ou seja 25 948 884 Euros. Assim, representou 9% do PIB de São Tomé e Príncipe. O segmento da captura detém uma parte preponderante, ou seja 63%. A comercialização dos produtos representa 33% do valor acrescentado do sector nacional das pescas com um peso claramente dominante dos produtos frescos. O valor acrescentado criado pela transformação artesanal dos produtos das pescas é relativamente fraco e se situa apenas nos 4%. Esta fraca contribuição da transformação pode explicar-se pelo facto de se tratar de uma actividade que é realizada com lacunas, por falta de meios de conservação no frio e/ou no caso de mercadorias por vender. É por isso que é fortemente dominada pela salga e secagem, que são boas técnicas de conservação do peixe.

A análise comparativa dos sectores das pescas nacional e estrangeira mostra que o valor acrescentado da pesca estrangeira é muito fraco em comparação com o valor gerado pela pesca nacional, tendo em conta as tonelagens das capturas respectivamente realizadas. Esta situação pode explicar-se pela ausência de desembarque no Porto de São Tomé, a quase ausência de marinheiros e de observadores nacionais nos barcos europeus, a inexistência de infra-estruturas de transformação, armazenamento e conservação de produtos haliêuticos, bem como de serviços de abastecimento, tantas fraquezas que privam o país de potenciais rendimentos económicos.

1. DESENVOLVIMENTO do ESTUDO

Este estudo foi realizado através dos apoios do Programa de Cooperação Técnica da FAO (TCP/STP/3603) - Melhoria da comercialização dos produtos haliêuticos em São Tomé e Príncipe. O seu quadro de execução foi definido pelos termos de referências dos consultores com as seguintes principais tarefas:

1. A descrição dos principais sectores e subsectores dos produtos das pescas em São Tomé e Príncipe;

2. O diagnóstico dos obstáculos à transformação; comercialização dos produtos do mar nos principais sectores e subsectores e identificação dos locais onde os desafios associados à conservação dos produtos do mar e às perdas pós-capturas são importantes;

3. A coordenação dos trabalhos do Consultor nacional sócio-economista sobre a recolha dos dados económicos necessários para a estimativa dos valores acrescentados directos e indirectos criados ao longo de todos os principais sectores e subsectores dos produtos do mar;

4. A avaliação da riqueza criada ao longo de todos os principais sectores e subsectores;

5. A animação de um seminário de formação sobre as metodologias de análise das cadeias de valor para os Agentes da Direcção-geral das Pescas e da ONG MARAPA;

6. A restituição/validação dos trabalhos realizados sobre as cadeias de abastecimento e o valor dos produtos do mar em São Tomé e Príncipe.

Uma primeira missão de terreno de 21 dias teve lugar de 12 de Abril a 2 de Maio de 2017. Começou por uma sessão de instruções no Escritório sub-Regional da FAO para a África Central em Libreville.

A equipa de consultores acompanhada pelo Coordenador do projecto TCP/STP/3603, um técnico da ONG MARAPA, um técnico da Direcção-geral das Pescas, ficou em São Tomé e Príncipe de 15 de Abril a 2 de Maio de 2017 e encontrou diversas instituições, actores do sector, visitou as praias de pesca artesanal e semi-industrial bem como as infra-estruturas ligadas à pesca. A lista das pessoas encontradas figura no anexo 7.

LOCAIS VISITADOS

- Distrito de Agua Grande: Praia Gamboa
- Distrito de Cantagalo: Messias Alves, Ribeira Afonso

- Distrito de Lobata: Praia Micoló, Praia Mouro Peixe
- Distrito de Lembá: Água Tomá, Bairro Bengá, Bairro Rosema, Santa Catarina
- Distrito de Mé-Zóchi: Praia Melão
- Distrito de Caué: Angolares, Ribeira Peixe, Malanza, Porto Alegre
- Região Autónoma do Príncipe: Praia Seabra, Capitania, Praia Abade, Praia Burra, Praia Campanha, Praia Esprainha, Praia São João

Os locais visitados foram julgados representativos da actividade da pesca, pois representam mais de 80% dos desembarques das capturas. Aquando das visitas, discussões de grupos e inquéritos baseados num questionário (anexo 6) foram realizados. Foram efectuadas as actividades:

Pesca artesanal

- Discussões com os actores se ter uma melhor compreensão da tipologia das unidades de pesca com base nas características dos barcos (monóxilo, PRAO, fibra de vidro) e os engenhos de pesca utilizados (rede de cerco, rede de emalhar de deriva, linha);
- Inquéritos sobre os custos e rendimentos dos principais tipos de unidades de pesca representados nos locais;
- Inquéritos sobre os custos e rendimentos das palaiês[1];
- Inquéritos sobre os custos e rendimentos das operações de fumagem e salga de peixes;
- Inventário dos equipamentos e das infra-estruturas realizadas nos locais (infra-estruturas dos Projectos Profopesca/UE, PRIASA/BAD, PAPAFPA/FIDA, e os da cooperação japonesa);
- Informações sobre a organização dos actores;
- Análise dos constrangimentos e recolha das necessidades dos actores das localidades visitadas.

Pesca semi-industrial (visita do cais de São Tomé) e encontro com os armadores

- Inquéritos sobre os custos e rendimentos dos diferentes tipos de unidades da pesca semi-industrial;
- Análise dos constrangimentos e recolha das necessidades da pesca semi-industrial.

Visita do mercado central de Bobo Foro

RENCONTRO COM OUTROS ACTORES DO SECTOR

- Encontro com os comerciantes para além das palaiês (comerciantes grossistas): recolha de informações sobre essa categoria de actores, inquéritos sobre os custos e rendimentos, análise dos constrangimentos e recolha das necessidades dos comerciantes grossistas;
- Encontro com os responsáveis de estruturas hoteleiras e supermercados nomeadamente o grupo Pestana (50% da demanda hoteleira) e o supermercado CKDO: Recolha de informações sobre o mercado específico dos hotéis e dos supermercados e a sua evolução (quantidades, condições de abastecimento, oferentes, preços).

ENCONTRO COM AS INSTITUIÇÕES

- Representação FAO (informações sobre o projecto TCP/STP/3603 e o seu desenvolvimento);
- Federação das associações de pescadores e de palaiês (reexame da situação do sector e dos constrangimentos);
- ONG MARAPA e ONG Qua Tela (Primeiro contacto com a organização e as suas realizações na pesca);
- Projecto PRIASA: discussões sobre as realizações do PRIASA I e as previstas no PRIASA II;
- PNASE (Recolha de informações sobre o funcionamento do sector de abastecimento das escolas, os volumes de compra por distrito, o número de associações interessadas e a situação actual deste subsector que está actualmente parado devido à falta de tesouraria do PNASE para financiar as suas compras de peixe);
- Direcção das pescas e desmembramentos;
- Presidência da Região Autónoma do Príncipe e representante local do Ministério da Economia e Finanças (recolha das apreciações sobre a situação do sector e informações sobre as acções previstas pela Presidência da Região no sector).

[1] *Terminologia utilizada em São Tomé e Príncipe para designar as mulheres transformadoras e/ou vendedoras de peixes.*

Entrevista com o Presidente de MARAPA

No termo da primeira missão de terreno, um seminário de formação sobre as metodologias de análise das cadeias de valor foi organizado para os Agentes da Direcção-geral das Pescas e da ONG MARAPA, nos dias 19, 20 e 21 de junho de 2017 em São Tomé, nas salas do Centro de Formação Profissional brasileiro de São Tomé. Esta formação permitiu, designadamente, restituir os resultados da recolha de dados e de informações no terreno foi realizada durante a primeira missão e teve a vantagem de ser prática. As trocas com os participantes durante esta formação permitiram igualmente contribuir para aprimorar e melhorar os dados e as informações necessários para o estudo.

Por último, os resultados finais do estudo foram restituídos e validados aquando do Ciclo de conferências "Desenvolvimento da pesca sustentável no contexto da economia azul" organizado em São Tomé nos dias 6 e 7 de julho de 2017.

Entrevista com as palaiês de Praia das Burras

Entrevista com os pescadores de Praia das Burras

Comercialização de peixe da canoa (Praia Melon)

© FAO/Lionel Kihadjian

2. RESULTADOS do ESTUDO

2.1 INTRODUÇÃO

O sector das pescas de São Tomé e Príncipe desempenha um papel importante no desenvolvimento económico e social do país, apesar do potencial limitado dos recursos haliêuticos ligado ao contexto físico e às condições ambientais pouco favoráveis (bandeja insular estreita, upwellings costeiros pobre e inexistência de grandes estuários).

Na literatura, há poucas informações ou dados exactos sobre as potencialidades haliêuticas devido à ausência de avaliações regulares. O potencial de captura sustentável estimado é de aproximadamente 12 000 Toneladas por ano (PNIASAN, 2015).

Contudo, a actividade de pesca na zona costeira proporciona empregos e rendimentos à uma parte importante da população. A pesca é considerada como a principal actividade económica das comunidades costeiras. As repercussões económicas e sociais desta actividade no país são importantes. A sua contribuição para o PIB é estimada em 4% em 2011 (SNRP, 2012-2016) e 7% em 2016 de acordo com a Direcção-geral das Pescas.

Os resultados do inquérito quadro da Direcção-geral das Pescas, realizado em 2014, avaliam em 5 489 o número de activos no sector das pescas, dentre os quais 2 991 são pescadores artesões, 143 pescadores semi-industriais e 2 355 mulheres comerciantes transformadoras de peixe (palaiês). Cerca de 16 à 20 000 pessoas viveriam directa e indirectamente da pesca, ou seja, 16% da população activa.

O consumo anual per capita de peixe é estimado em 2013 em 30,4 Kg e os produtos haliêuticos representam 53,3% do contributo em proteínas de origens animais na alimentação dos Santomenses (FAO, 2017).

2.2 ANÁLISE DESCRITIVA DO SECTOR DOS PRODUTOS DA PESCA EM SÃO TOMÉ

Definição da noção de «sector» e «subsector»

O sector é definido como um conjunto de Agentes ou operadores económicos que produzem, transformam e comercializam um mesmo tipo de produto. Estes Agentes estão ligados entre eles por fluxos de produtos. Assim, o conjunto "Agentes", "mercados" e "fluxos" que os liga estão na base da análise do sector.

No seio de um sector, pode-se identificar redes relativamente homogéneas constituídas por subsectores. Assim, os produtos das pescas artesanais cujo destino é o mercado urbano e os hotéis são constitutivos de dois subsectores distintos. Identifica-se um subsector sempre que se está na presença de um produto diferente, de um grupo de Agentes diferente, de mercados diferentes.

Representação gráfica do sector das pescas de São Tomé e Príncipe

A análise descritiva de um sector começa pela construção de uma representação gráfica que representa os Agentes, os subsectores, os mercados de destino, bem como os fluxos que ligam os Agentes. Esta representação gráfica é realizada a partir dos dados de desembarque em volume e valor ventilados por origem e por destino.

A metodologia de elaboração da representação gráfica do sector das pescas de São Tomé e Príncipe seguiu as seguintes etapas seguintes:

1. A revisão e a análise de diversos documentos de estudos com o propósito de proporcionar uma boa compreensão do "sistema pesca" de São Tomé e Príncipe;
2. A recolha dos dados de desembarque, em volume, junto da Direcção das Pescas. Estes dados procedem à uma distribuição das quantidades desembarcadas entre a pesca artesanal e a pesca semi-industrial. O ano de referência para a elaboração da representação gráfica é 2015, dado que as estatísticas de 2016 estão incompletas;
3. A realização de sessões de trabalho com os técnicos do sector e da ONG MARAPA para ter um primeiro esboço da representação gráfica que permite nomeadamente identificar os Agentes do sector, os fluxos de produtos e os mercados que os liga;
4. A realização de inquéritos no terreno para completar e validar as informações recolhidas. Estes inquéritos foram ainda mais necessários pelo facto dos sistemas actuais de informação da Direcção-geral das Pescas não fornecerem uma ventilação da captura entre os seus diferentes usos (comercialização de peixes frescos, transformação). Ora, esta informação é necessária tanto para a análise descritiva da fileira como para a avaliação económica da riqueza produzida pelos Agentes e subsectores. Os inquéritos efectuados permitiram tomar em conta o facto de que a comercialização dos produtos frescos não é o privilégio exclusivo das palaiês assimiláveis a micro comerciantes grossistas. Faz também intervir operadores económicos masculinos dotados de uma grande capacidade financeira e que se impõe como fornecedores dos grandes hotéis da praça. A recolha de dados sobre os fluxos de produtos haliêuticos destinados à escolas no âmbito do Programa Nacional de Alimentação e de Saúde escolar (PNASE) e transitando pelas associações de palaiês e de pescadores foi igualmente efectuada no âmbito dos inquéritos efectuados;
5. Uma avaliação empírica da ventilação da captura desembarcada entre as diferentes utilizações (fresco, salgado, seco, fumado). Esta avaliação foi feita com base na avaliação de terreno dos técnicos da MARAPA e da Direcção das pescas.

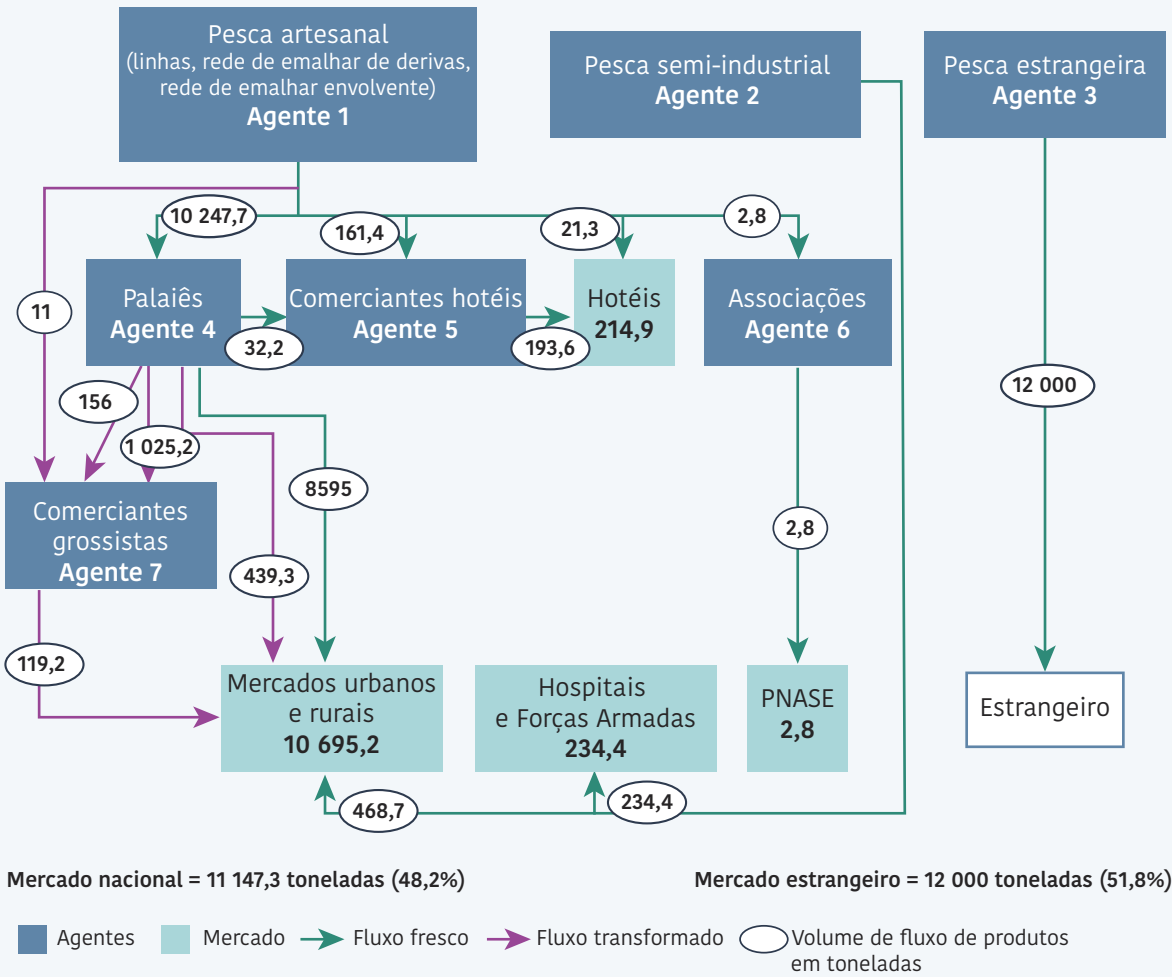
A abordagem metodológica seguida permitiu primeiramente elaborar o quadro das quantidades pescadas por origem e por destino em 2015, em seguida, a elaborar o gráfico do sector pesca com base na identificação de Agentes, dos dados estatísticos oficiais recolhidos, dos dados procedentes dos nossos próprios inquéritos e das avaliações empíricas. O anexo 1 detalha a metodologia de elaboração do quadro das quantidades pescadas e por destino, de 2015.

Quadro1: Quadro das quantidades pescadas por origem e por destino em 2015

Origem	Destino	Quantidades (toneladas)	%	Preço (Dobras/ Kg)	Valor (milhares Dobras)	%
Pesca artesanal	Palaiês vendedoras de fresco	8 627,1	77,4%	40 000	345 084 000	73,1%
	Vendedores hotéis	161,4	1,4%	50 000	8 070 000	1,7%
	Hotéis	21,3	0,2%	60 000	1 278 000	0,3%
	Associações de pescadores e palaiês	2,8	0,0%	70 000	196 000	0,0%
	Palaiê peixe fumado	156	1,4%	45 000	7 020 000	1,5%
	Palaiês peixe salgado e seco	1 464,6	13,1%	40 000	58 584 000	12,4%
	Mercado de São Tomé (salgado/seco)	11	0,1%	48 000	528 000	0,1%
Pesca semi-industrial	Mercado de São Tomé (população, hotéis et restaurantes)	468,7	4,2%	75 000	35 152 500	7,4%
	Hospitais e Forças armadas	234,4	2,1%	70 000	16 408 000	3,5%
S/T Pesca nacional	**Mercado nacional**	**11 147,3**	**100%**		**472 320 500**	**100%**
S/T Pesca estrangeira	**Mercado estrangeiro**	**12 000**				
TOTAL		**23 147,3**				

Em 2015, a captura da pesca em São Tomé e Príncipe destinada aos mercados nacionais e estrangeiros foi avaliada em 23 147,3 toneladas dentre as quais 11 147,3 toneladas provêm da pesca nacional e 12 000 toneladas provêm da pesca estrangeira. A captura da pesca estrangeira é vendida totalmente no mercado estrangeiro. A captura destinada aos mercados nacionais foi considerada deduzindo a tonelagem anual desembarcada, o autoconsumo. Uma sondagem junto dos actores da pesca artesanal e da pesca semi-industrial permitiu estimar o autoconsumo para a pesca artesanal e a pesca semi-industrial em 3% e 5% respectivamente. O principal destino da capturanacional é a comercialização da fileira de peixe fresco (73,1%). A outra utilização importante da captura é a transformação em peixe salgado, seco.

Gráfico1: Representação gráfica do sector das pescas de STP em 2015



O sector das pescas de São Tomé e Príncipe é composto por 3 segmentos:

- O segmento captura que agrupa os Agentes implicados na exploração dos recursos haliêuticos (pesca nacional e pesca estrangeira). A pesca nacional tem uma componente artesanal e uma componente dita de semi-industrial[2]. A captura da pesca nacional é destinada exclusivamente ao mercado interno. No entanto, expedições de peixe para o estrangeiro foram posicionadas mas não são contabilizadas oficialmente como exportações. São consideradas como um autoconsumo das pessoas que deslocam-se ao estrangeiro e as quantidades toleradas por viajante são de aproximadamente 20 à 30 Kg. A pesca estrangeira opera no âmbito do acordo de parceria de pesca com a União Europeia. As suas capturas não são desembarcadas no solo nacional.
- O segmento comércio: uma vez desembarcado, o peixe é encaminhado e comercializado para quatro (4) destinos principais:
  i) os mercados urbanos e rurais;
  ii) os hotéis;
  iii) as estruturas públicas (Forças armadas, hospitais);
  iv) os programas PNASE.
  Os Agentes que intervêm na comercialização de pescado fresco são as palaiês, maioritariamente mulheres. A maior parte das palaiês escoa directamente os seus produtos junto dos consumidores finais. Contudo, existem palaiês "grossistas" que compram os seus produtos junto doutras palaiês para revendê-los no mercado de São Tomé. Os outros actores da comercialização de fresco são:
  i) homens que fazem compras de peixe por grosso junto dos pescadores e das palaiês para fornecer aos hotéis, 4 operadores deste tipo foram identificados em São Tomé;

[2] *Nos termos do Decreto de aplicação da lei das pescas de 2012, a pesca artesanal é a pesca tradicional efectuada em zona costeira, utilizando um barco cujo meio de propulsão é a rema, vela ou motor de popa e tendo uma autonomia de menos de 24 horas. A pesca semi-industrial é definida pelo decreto supracitado como uma pesca que tem uma autonomia superior a 24 hora e inferior a 15 dias, utilizando meios de conservação do peixe a bordo.*

ii) as associações de pescadores e de palaiês que comercializam os produtos dos seus membros para o PNASE.

- O segmento transformação: As palaiês efectuam a transformação dos produtos da pesca. Em certos locais, na ilha de Príncipe nomeadamente, os pescadores transformam o produto da sua pesca e comercializam-no directamente em São Tomé.

Identificação e caracterização dos Agentes

A representação gráfica do sector das pescas de São Tomé permite identificar 7 Agentes dos quais 6 Agentes nacionais e 1 Agente estrangeiro. Estes Agentes são numerados de 1 à 7.

- Agente 1: Pesca artesanal

-Agente 2: Pesca semi-industrial

-Agente 3: Pesca estrangeira

-Agente 4: Palaiês

-Agente 5: Vendedores colectores grossistas

-Agente 6: Associações de pescadores e de palaiês

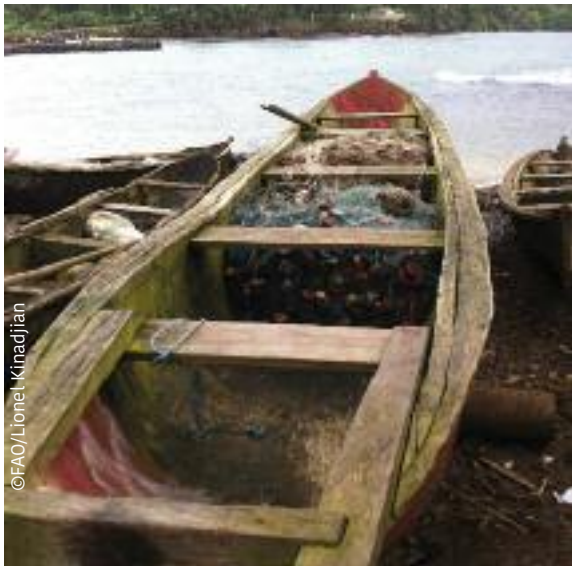
-Agente 7: Comerciantes grossistas

Agente 1: Pesca artesanal

A pesca artesanal assegura o essencial dos desembarques da pesca em São Tomé e Príncipe. Em 2015, os desembarques totais da pesca nacional estimam-se em 11 507,3 toneladas das quais 10 767 toneladas provêm da pesca artesanal (94% dos desembarques totais). Os engenhos de pesca são variados e compreendem principalmente as redes e as linhas. Os principais tipos de redes utilizadas são:
i) a rede de emalhar de deriva ("rede voador");
ii) a rede de cerco com retenida ("maxipombo");
iii) a rede de emalhar passiva, utilizado em menor escala.
As linhas são constituídas por "palangrotte", linha à mão para a pesca das espécies demersais, corrico para a pesca desportiva (tubarões e peixes à rostros). Os pescadores utilizam também como técnica a confecção de um pequeno dispositivo de concentração de peixes (DCP) feito de um montão de ervas e de pequenos ramos secos, para a pesca de voadores ("voador panhan")

De acordo com os dados do inquérito quadro de 2014, a pesca artesanal é praticada por 2991 pescadores e as mais fortes concentrações de pescadores são observadas nos distritos de Lembá (26% do número de pescadores) e de Agua Grande (24% do número de pescadores). A frota de pesca artesanal recenseada é de 2374 barcos dos quais 528 motorizadas e 1846 por vela, ou seja uma taxa de motorização de 22%. A canoa de tipo monóxilo representa ainda mais de 80% do parque de canoas. Contudo, a canoa de tipo PRAO recentemente introduzida é actualmente o objecto de um forte pedido devido aos seus bons rendimentos. As suas qualidades são uma boa estabilidade graças ao sistema de balanceiro que o caracteriza, uma economia sobre o consumo de combustível, um aumento dos rendimentos de pesca devido ao facto que a segurança do barco permite pescar distante e por conseguinte explorar novas zonas de pesca. A canoa de tipo PRAO actualmente é favorecida pelo Governo graças à uma subvenção de 30% sobre o seu preço de aquisição e a construção de oficinas de fabricação com financiamento público. a pesca artesanal está numa dinâmica de crescimento extensiva através do aumento do número de pescadores e de canoas e intensivo devido à uma forte tendência a motorização. Ainda que na maior parte dos locais de captura, o sector é segmentado com uma especialização exclusiva dos pescadores na exploração dos recursos haliêuticos, nota-se contudo que em certas zonas (Região de Príncipe), os pescadores exercem actividades de transformação e comercializam eles mesmos os produtos transformados.

Canoa monóxilo a rede de emalhar (Porto Alegre)



Piroga de tipo PRAO (Praia Melon)

Cais de pesca semi-industrial

Agente 2: Pesca semi-industrial

A pesca semi-industrial fez o seu aparecimento com barcos de fibra de vidro adquirido graças a um dom da cooperação japonesa. Estes barcos foram em seguida atribuídos à operadores privados. A frota é velha e frequentemente confrontada à avarias recorrentes que limitam os seus desempenhos. Os dados do recenseamento de 2014 confirmam a existência de 32 barcos compostos por:

i) 6 barcos de 12 a 14 metros;
ii) 10 canoas de 10 metros;
iii) 11 barcos de 8 metros;
iv) 15 barcos de fibra de vidro de 5,5 metros.

A pesca semi-industrial tem 143 pescadores activos. As informações recolhidas junto dos armadores encontrados no terreno revelam contudo que subsiste desta frota apenas 10 barcos activos. Estes barcos são compostos de 7 "grandes" barcos equipados de motores de 100 à 150 CV e 7 "pequenos" barcos equipados de motores de 30 à 40 CV. As suas capacidades de porão são avaliadas respectivamente a 5 toneladas e 1 tonelada. A pesca semi-industrial opera geralmente em torno da ilha do Príncipe marcada por uma abundância em recursos demersais costeiros e na ZEE do Gabão. Um das suas grandes deficiências é a falta de disponibilidades em gelo tanto em quantidade que em qualidade. Em 2015, os desembarques da pesca semi-industrial representavam 740,1 toneladas, ou seja 6% dos desembarques totais da pesca.

Agente 3: Pesca estrangeira

No âmbito do protocolo de aplicação do acordo de parceria com a União europeia que cobre o período 2014-2018, 28 atuneiros cercadores e 6 palangreiros de superfície são autorizados a pescar. A captura desta pesca estrangeira não é desembarcada e não contribui para o abastecimento do mercado interno. As capturas de atum e espécies associadas foram avaliadas em 12 000 toneladas em 2015[3]. Não é integrada à economia nacional mas, no entanto, contribui para a criação de riqueza com os pagamentos a título da compensação financeira, as licenças/taxas de pesca e o apoio sectorial. Para o período 2013-2016, a média anual dos pagamentos é de 660 000 euros a título das licenças e taxas sobre a captura e 710 000 euros a título da contrapartida financeira.

Agente 4: Palaiês

As palaiês são as mulheres que exercem as actividades de comercialização e transformação do peixe. Esta dupla especialização é uma particularidade do sector das pescas de São Tomé e Príncipe. Contudo, se a comercialização e a transformação do peixe ainda são exercidas essencialmente pelas mulheres, nota-se uma presença dos homens no comércio por grosso em São Tomé e a captura de peixe salgado e seco na Região Autónoma de Príncipe (RAP). O inquérito

[3] *Fonte: Delegação da União Europeia (DUE) Gabão.*

quadro de 2014 avalia em 2 255, o número de palaiês. Um crescimento notável do efectivo das palaiês foi notado entre 2007 e 2015, ou seja 15%. O quadro das quantidades pescadas por origem e destino em 2015 demonstra a importância do papel dos palaiês na utilização da captura desembarcada. Com efeito, intervêm em 87% da captura desembarcada. As palaiês fornecem-se nas praias, directamente junto dos pescadores. O peixe é encaminhado seguidamente para os lugares de venda (mercados urbanos em geral) através de veículos de transporte público ou motas. Algumas palaiês transportam a pé o seu produto, passam pelas casas para a venda ou tomam a direcção de localidades do interior. O gelo é muito pouco utilizado para a conservação do peixe. A actividade de transformação refere-se ao peixe salgado seco e peixe fumado em menor escala. A salga e secagem intervêm sobretudo quando há mercadorias por vender e/ou superabundância da captura. A actividade permite então evitar as perdas em quantidade ou valor. A fumagem é muito menos desenvolvida e refere-se a fracas quantidades.

Cena de venda de peixe para uma palaiê

Peixe fumado pelas palaiês de Neves

A situação das palaiês revela dois aspectos preocupantes a sublinhar:

i) A importância do seu efectivo relativamente à captura existente. Há manifestamente excedente nesta camada de actores. Fora dos períodos de abundância da captura que são cada vez mais raros, muitas palaiês não têm uma actividade real por falta de produto. Num local de captura onde o número de palaiês recenseadas era de 300, investigações mais acentuadas mostraram que realmente, apenas 30 palaiês em média exercem diariamente a actividade.

ii) A comercialização ineficiente devido ao seu carácter atomizado que não favorece economias possíveis sobre os custos de comercialização.

Comerciante grossista colector

Agente 5: Vendedores colectores grossistas

Em São Tomé, o comércio a grosso de fresco é praticado por operadores diferentes das palaiês que desempenham um papel importante no abastecimento dos hotéis. Este papel explica-se pelas vantagens que dispõem junto da clientela dos hotéis nomeadamente: i) a sua capacidade a respeitar os compromissos contratuais (prazos de entrega, quantidades entregues, espécies) e ii) respeitos das normas de higiene e de qualidade exigidas pelo cliente (especificações sobre os meios de transporte e de conservação a utilizar). 4 comerciantes grossistas estão implicados nestas operações e trabalham numa base regular com os hotéis do grupo Pestana. Paralelamente, fornecem o peixe à certas estruturas públicas como os hospitais e as forças armadas. As quantidades entregues aos hotéis e estruturas públicas por estes comerciantes grossistas são avaliadas anualmente em 166 toneladas, ou seja 3,2% da captura desembarcada. O abastecimento efectua-se directamente junto dos pescadores ou junto das palaiês. Com o crescimento do sector hoteleiro, estes operadores poderiam desempenhar um papel cada vez mais importante no sector. Actualmente, oferecem prestações onerosas às palaiês do mercado central sob a forma de armazenamento a frio dos seus produtos ou fornecimento de gelo. Estes comerciantes grossistas já estão inscritos numa dinâmica de qualidade e são de facto vectores potenciais para impulsionar mudanças em termos de boas práticas no sector.

Agente 6: Associações de pescadores e de palaiês

O papel destas associações como Agente do sector é definido pela sua qualidade de intermediários na implementação do programa PNASE. Este programa contribui para a alimentação em meio escolar entregando peixe às escolas. O programa não negoceia individualmente com os pescadores e palaiês. Dirige-se às associações a quem entregam o peixe. O Programa compra o peixe ao preço de 70 000 dobras por quilo com boas condições de higiene e de qualidade (meios de conservação e de transporte adequados). Trata-se principalmente de peixe fresco. As associações dos 6 distritos de São Tomé abrangidas pelo PNASE. Em 2015, as quantidades anuais entregues ao PNASE foram estimadas em 2,8 toneladas de peixe.

Agente 7: Comerciantes grossistas

Os comerciantes grossistas são encarregues da comercialização do peixe transformado (salgado, seco e fumado) para o interior do país. Estão geralmente em contacto telefónico com as palaiês

e os pescadores e convêm com eles as modalidades de entrega (data de entrega, quantidade a entregar). Geralmente, recuperam no mercado grossista o produto de manhã cedo e encarregam-se de comercializá-lo nas localidades do interior.

Identificação dos subsectores

O subsector é constituído por uma cadeia de Agentes conectados entre eles por fluxos de produtos que transitam do produtor para o Agente receptor (transformador ou não), seguidamente para o Agente vendedor ao consumidor final (instituições ou consumidor final individual).

Na representação gráfica de 2015, identificou-se 11 subsectores no sector da pesca em São Tomé e Príncipe. Existem:

- 9 subsectores alimentados pela pesca artesanal. Dentre eles, 5 referem-se ao peixe fresco e 4 ao peixe transformado;
- 2 subsectores alimentados pela pesca semi-industrial. Estes dois subsectores referem-se exclusivamente ao peixe fresco.

Os subsectores são apresentados no quadro 2.

Identificação dos mercados e principais circuitos de venda

Os principais mercados e circuitos de venda dos produtos haliêuticos são: i) os mercados urbanos e rurais caracterizado pela venda aos consumidores finais (famílias, donos de restaurante). Estes mercados absorvem o essencial das capturas nacionais vendidas no modo fresco ou transformado. Actualmente, estes mercados não são exigentes sobre a qualidade dos produtos, mas os comportamentos dos compradores poderá alterar à curto ou médio prazo com o desenvolvimento da classe média e a restauração em meio urbano; ii) o mercado hotel que absorve cerca de 2% da captura nacional, mas segue uma tendência crescente paralela ao desenvolvimento do turismo, segundo o parecer dos profissionais deste sector encontrados. Este mercado é muito exigente sobre a qualidade dos produtos e a regularidade dos abastecimentos, daí o recurso a operadores especializados capazes de satisfazer as exigências dos hotéis; iii) os supermercados e ONG (Qua Tela, Copafresco/MARAPA): Os produtos comercializados são às vezes elaborados (venda de peixe nos supermercados) e transformados (venda de peixe salgado, seco). As melhorias introduzidas são sobre a higiene e a salubridade dos produtos bem

Quadro 2: Identificação dos subsectores

N°Subsectores	Agente que operano no subsector	
1	Pesca artesanal	Palaiês/peixe fresco
2	Pesca artesanal	Palaiês/peixe fresco
3	Pesca artesanal	Vendedores grossistas
4	Pesca artesanal (frais)	
5	Pesca artesanal	Associações (fresco)
6	Pesca semi-industrial	
7	Pesca semi-industrial	
8	Pesca artesanal	Palaiês/peixe salgado/seco
9	Pesca artesanal	Palaiês/peixe salgado/seco
10	Pesca artesanal	Palaiês/peixe fumado
11	Pesca artesanal (salgado/seco)	
	TOTAL	

como a embalagem. A clientela é constituída geralmente pelas classes médias e abastadas da população, a diáspora que vem ao país e compra produtos da terra-mãe quando regressam ao estrangeiro. Os hotéis, os supermercados assim como as ONG permitem pôr no mercado produtos de alto valor acrescentado e participam, desta forma, na melhoraria da cadeia de valor.

As instituições que fornecem um apoio ao sector

O sector da pesca de São Tomé e Príncipe é apoiado por diversas instituições das quais figura na primeira linha a administração das pescas. Para além da administração, os apoios ao sector provêm das associações de profissionais, das ONG e dos parceiros técnicos e financeiros.

A administração das pescas

Age principalmente através da Direcção-geral das pescas (DGP). Está sob a tutela institucional do Ministério das Finanças, Comércio e Economia Azul e está incumbida da coordenação geral da execução da política de desenvolvimento do sector e do ordenamento dos recursos, do apoio à elaboração das leis e regulamentos do sector, da recolha dos dados estatísticos e da gestão dos acordos de pesca. Uma especificidade notável desta administração é que não exerce a função de controlo e vigilância das pescas, pois esta cabe à Capitania dos Portos, sob a tutela do Ministério da Defesa. A Direcção das Pescas exerce a função de controlo sanitário dos produtos haliêuticos e dotou-se de um laboratório de controlo equipado, adquirido com o financiamento do BAD através do projecto PRIASA. A Direcção das Pescas dispõe, no seu seio, de uma unidade de apoio ao desenvolvimento do sector que financia a aquisição de equipamentos de pesca graças a um fundo alimentado pelo orçamento do Estado. O objecto dos créditos incide sobre: i) os equipamentos de pesca, com excepção dos motores fora de borda que são vendidos à vista, ii) os fundos de rolamento das palaiês através das associações. Uma subvenção de 30% é fornecida pelo Governo sobre o preço de aquisição dos motores fora de borda. Desde 2016, o sistema de financiamento está parado devido à má cobrança dos créditos anteriores. Este mau desempenho explica-se pelas numerosas ingerências políticas no sistema de financiamento que incitam ao não reembolso dos créditos. A Direcção das Pescas colabora com o PRIASA no âmbito da realização das infra-estruturas de pesca, participa na expressão das necessidades e assegura o acompanhamento dos trabalhos.

	Destino	Tonelagem
	Mercados urbanos e rurais	8 595,0
Vendedores grossistas	Hotéis	32,20
	Hotéis	161,40
	Hotéis	21,30
	PNASE	2,80
	Mercados urbanos e rurais	468,70
	Instituções (forças armadas e hospitais)	234,40
Comerciantes grossistas	Mercados urbanos e rurais	1 025,20
	Mercados urbanos e rurais	439,30
Comerciantes grossistas	Mercados urbanos e rurais	156,00
Comerciantes grossistas	Mercados urbanos e rurais	11,00
		11 147,30

As associações de profissionais

Conta-se 29 associações de pescadores e de palaiês que cobrem efectivamente a zona costeira. A maior parte destas associações foi criada nos anos 1990, no âmbito do projecto de Apoio Participativo à Agricultura Familiar e à Pesca Artesanal (PAPAFPA), financiado pelo FIDA e pela cooperação japonesa. Este projecto realizou em vários locais de pesca, infra-estruturas equipadas que compreendem, uma loja de venda do material de pesca, uma loja para os produtos de primeira necessidade, uma oficina de reparação de motores. A criação de associações era uma condição prévia para receber os apoios ao nível de cada comunidade. Assim, a gestão das infra-estruturas e dos fundos recebidos foi colocada sob a responsabilidade das associações. Além disso, as associações eram uma passagem obrigatória para qualquer pescador que queria aceder ao crédito. Os apoios actuais ao sector, nomeadamente através da ONG MARAPA (implementação de infra-estruturas e de equipamento nos locais) ou da parceria com o PNASE passam ainda por estas associações. A ONG MARAPA empreendeu um importante trabalho de redinamização das associações, tornando-as mais estruturadas e dando-lhes base legal, o que muitas ainda não tinham.

As Organizações não-governamentais (ONG)

A principal ONG que apoia o sector é MARAPA. A MARAPA é uma organização de apoio ao sector das pescas que opera no domínio da protecção do ambiente costeiro e na promoção de actividades. A esse respeito, está na origem de inovações essenciais destinadas a modernizar o sector e a melhorar os rendimentos, nomeadamente:

i) a construção de um protótipo de canoa melhorada "PRAO" que oferece uma melhor segurança de navegação e economias de combustível;

ii) a promoção da canoa de resina;

iii) a promoção dos dispositivos de concentração de peixe (DCP), etc. As outras acções da ONG referem-se a:

- A promoção de normas de higiene e de qualidade em todo o sector através de formações dispensadas às palaiês e aos pescadores;
- A introdução de técnicas de captura melhoradas na transformação artesanal do peixe através da construção de ateliês de transformação equipados de fornos de fumagem, tendas solares, material de trabalho e meios de conservação;
- A promoção e o desenvolvimento da cadeia de frio através da aquisição e da redistribuição para

Loja colectiva de equipamentos de pesca em Santa Catarina

Oficina de reparação de motor fora de borda gerido pela associação dos pescadores de Neves

as associações de profissionais de meios de conservação (congeladores, refrigeradores, fábricas de gelo, câmaras frias, etc.);

- A promoção da segurança em mar através de formações e de equipamentos tais como GPS e material de segurança;
- O reforço do quadro associativo através da recomposição de associações existentes (reforço do seu quadro legal e da sua estruturação);
- etc.

MARAPA estabeleceu relações de confiança com os parceiros técnicos e financeiros que permitem-lhe gerir financiamentos destes parceiros destinados à projectos ou programas de apoio ao sector.

Os parceiros técnicos e financeiros

A FAO dá um apoio técnico importante, sendo o mais recente o TCP em execução (TCP/STP/3603 "Apoio à melhoria da colocação no mercado dos produtos haliêuticos em São Tomé e Príncipe". Este TCP surge na sequência de um outro de apoio que teve lugar em 2004 /2006 no domínio das tecnologias pós-capturas e comercialização do peixe em São Tomé e Príncipe (TCP/STP/3002).

Os outros apoios dos Parceiros Técnicos e Financeiros referem-se:

- ao apoio do BAD no âmbito do Projecto de Reabilitação das Infra-estruturas de Apoio à Segurança Alimentar (PRIASA). Para o sector da pesca, a primeira fase do Projecto permitiu: i) a reabilitação e a construção de mercados para melhorar a comercialização dos produtos do mar em Neves, Santana, e Bobo Forro em São Tomé. Estes mercados são dotados de câmaras frias e fábricas de gelo; ii) a construção e o equipamento de um laboratório de controlo sanitário; iii) a sensibilização e a formação sobre o tema da pesca responsável, higiene e qualidade, gestão dos mercados; iv) a formação dos técnicos em estatísticas; v) o fornecimento de equipamentos informáticos, material de vigilância VMS e de equipamentos para a segurança em mar. A segunda fase do Projecto iniciado em 2016 previu: i) construção de uma unidade de fabricação de canoa de fibra de vidro; ii) realização de Dispositivos de Concentração de Peixes (DCP) e iii) estudos sobre as oportunidades de desenvolvimento da pesca semi-industrial, continuação do desenvolvimento das infra-estruturas de comercialização;
- ao apoio da União Europeia no âmbito do Projecto PROFOPESCA que consistiu em: i) a criação e o apoio ao funcionamento de associações de mulheres transformadoras em 8 comunidades de São Tomé e 4 de Príncipe; ii) implementação de uma Federação dos pescadores e das palaiês que agrupam 40 associações e de um Comité Sectorial de Consulta e de Coordenação; iii) apoios às associações de mulheres palaiês no âmbito do Programa PNASE (concessão de fundos de maneio para a compra de produtos);
- aos apoios sectoriais previstos no Protocolo de Acordo de pesca com a União Europeia em curso, para o período 2014-2018. Um montante específico de 325 000 Euros por ano durante 4 anos está previsto para o apoio à implementação da política sectorial da pesca de São Tomé e Príncipe.

2.3 DIAGNÓSTICO DO SECTOR

Análise das Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças (FFOM)

O diagnóstico do sector da pesca de São Tomé e Príncipe é baseado numa análise FFOM (Forças fraquezas, ameaças e oportunidades) sendo uma das suas vantagens identificar e priorizar as problemáticas essenciais do sector para planificar as intervenções futuras.

As forças

Uma importante biodiversidade marinha: Apesar do seu potencial de captura haliêutico limitado devido aos factores naturais, o país dispõe de uma importante diversidade marinha, as águas do arquipélago de São Tomé e Príncipe protegem mais de 180 espécies de peixes das quais 105 são exploradas comercialmente[4]. Entre os recursos demersais costeiros da ZEE, 71 espécies comerciais são pedidas e 35 espécies muito pedidas. Para os pelágicos, 30 espécies

[4] *Avaliação retrospectiva e prospectiva do protocolo do acordo de parceria no sector da pesca entre a União europeia e a República democrática de São Tomé e Príncipe, Relatório final, Setembro 2013, cofrepeche, Mrag, Poseidon, nfds.*

comerciais são pedidas e 10 espécies muito pedidas. Esta importante diversidade marinha permite colocar no mercado uma gama diversificada de produtos haliêuticos.

Um papel dinâmico e essencial da sociedade civil através da ONG MARAPA: A importância do papel da sociedade civil no desenvolvimento do sector pesca de São Tomé e Príncipe é uma vantagem para este país, porque permite as administrações das pescas concentrarem-se no seu verdadeiro papel de regulação do acesso aos recursos haliêuticos. Com efeito, na maior parte dos países africanos, a intervenção do Estado é dispersada numa multidão de domínios de gestão e termina por perder da sua eficácia. A ONG MARAPA desempenha um papel essencial no apoio, conselho às associações profissionais, reforço das capacidades técnicas dos actores do sector, na introdução e divulgação das inovações tecnológicas (Canoa PRAO, tendas solares, etc.). Esta ONG também geriu vários programas e projectos implementados pelos parceiros de desenvolvimento (União Europeia, BAD, FIDA, cooperações japonesa, espanhol, portuguesa, francesa, etc.).

Uma organização dos actores do sector: os principais actores do sector (pescadores, palaiês) estão organizados em associações de pescadores e de palaiês, elas mesmas agrupadas numa federação nacional. O nível de eficácia e o dinamismo destas associações são certamente variáveis de um local para outro. Mas observa-se que em certos locais[5], estas associações são bem geridas e oferecem serviços eficazes aos seus membros. A existência destas associações permite aos intervenientes (governo e doadores de fundos externos) ter um interlocutor e um parceiro aquando da definição e da implementação das políticas, programas e projectos.

As fraquezas

Uma fraca regulação das actividades da pesca: Esta fraqueza está ligada a vários factores dos quais: i) a ausência de política de ordenamento das pescarias que se traduz por uma exploração dos recursos haliêuticos não controlada e ilimitada; ii) uma falta de aplicação da lei e dos regulamentos da pesca, o exemplo mais patente é o uso de rede de emalhar envolvente com malhas de 15 à 20 mm que capturam muitos juvenis nas praias; iii) lacunas institucionais em matéria de controlo e vigilância das pescas, pelo facto da capitania do porto, estrutura competente na matéria, estar ausente no terreno e ainda não trabalhar em coordenação e sinergia com a Direcção das Pescas.

A importância das perdas pós-captura: Uma avaliação das perdas pós-captura em termos de custo e volume não pôde ser realizada no âmbito deste estudo, mas as entrevistas com os actores permitiram delimitar as causas e apreciar a sua amplitude. As perdas pós-captura intervêm inicialmente aquando das operações de pesca porque a maioria dos pescadores não dispõe de meios de conservação a bordo (gelo e recipiente isotérmico). Ora, devido à escassez do recurso, os tempos de pesca têm tendência a alongar-se e a duração média das marés para todos os tipos de pesca confundidos é de 7 horas no mínimo, gerando riscos de alteração do peixe. Numerosos pescadores desembarcam a noite e esperam a chegada das palaiês para a comercialização das suas capturas. Por falta de infra-estruturas de conservação nos locais de desembarque, os produtos pescados acabam por perder a sua frescura e seu valor. Aquando das operações de comercialização pelas palaiês, nota-se também perdas ligadas à ausência ou insuficiência de gelo para conservar o peixe. Estas perdas são também ligadas aos recipientes e meios logísticos inadaptados utilizados (bacias, veículos de transporte colectivo). As perdas que intervêm no sector das capturas frescas são essencialmente perdas em valor porque são sancionadas por uma forte depreciação do seu valor na venda. O peixe que perde a sua frescura pode ver o seu preço por quilo baixar de 50 000 Dobras a 15 000 Dobras, de acordo com os vários testemunhos recolhidos. As

[5] *É nomeadamente o caso das associações de Micoló, Santa Catarina, Porto Alegre, Messias Alves.*

Ilustração dos problemas sanitários nas praias

perdas em quantidades intervêm sobretudo na fileira dos peixes transformados por razões ligadas às infestações de insectos, embalagens inadaptadas ou mau armazenamento dos produtos.

O incumprimento dos princípios básicos de higiene em todo sector e consequentemente o mau nível de segurança sanitária dos produtos da pesca no mercado doméstico[6]: esta questão é recorrente em todos os relatórios que tratam da situação do sector haliêutico de São Tomé e Príncipe. Para além dos riscos sanitários essenciais para os consumidores, constitui uma deficiência importante para o acesso aos mercados remuneradores como o mercado hoteleiro.

O constrangimento energético: O país é geralmente confrontado com o problema de insuficiência estrutural da oferta de electricidade agravado pelo alto custo das tarifas de venda desta energia. Tal insuficiência prejudica fortemente o sector da pesca cujas necessidades de electricidade são cruciais. Vários locais de pesca foram equipados graças à cooperação estrangeira, em congeladores que não são funcionais, falta de acesso à electricidade ou devido às tarifas proibitivas aplicadas. Em certos locais importantes como Porto Alegre, a electricidade é fornecida apenas entre 17 horas e 23 horas. Sem energia, o uso do gelo, o funcionamento de congeladores ou de câmaras frias não são possíveis. A energia permanece um constrangimento forte para a melhoria da cadeia de valor.

A ausência de regulamento e regulação do sector de comercialização dos produtos frescos: A caracterização dos Agentes do sector pôs em evidência o número excessivo de palaiês relativamente ao nível de capturapescado actual que esconde um subemprego ou um desemprego disfarçado. Deve-se limitar o acesso à esta profissão para permitir às palaiês de viverem decentemente? Os poderes públicos são ali confrontados à uma escolha difícil que merece uma reflexão. Nota-se também que o exercício da profissão de palaiês não é regulamentado. Ora, este regulamento é necessário para fazer valer certas exigências (equipamento mínimo obrigatório, visita médica).

A ineficiência do sistema de comercialização: No sistema de comercialização actual, cada palaiê transporta o seu próprio pescado do local de desembarque para o mercado de São Tomé principalmente ou para os outros mercados urbanos e rurais secundários. Os custos de comercialização que incluem o transporte das pessoas e dos produtos, as despesas diárias em alimento nos centros de comercialização, são multiplicados pelo número de palaiês que efectuam deslocações para a comercialização. Este sistema de comercialização é dispendioso pois um agrupamento de produtos recolhidos e a sua comercialização por um número restrito de palaiês só é possível se estas estiverem organizadas. , esta possibilidade é considerada pelas palaiês encontradas na ilha do Príncipe e corresponde a um pedido. Em Porto Alegre, quando a captura não é abundante, as palaiês confiam a uma ou duas congéneres a tarefa de comercializar em São Tomé os seus produtos. Uma organização colectiva da comercialização através de um agrupamento dos produtos tornaria mais eficiente o sistema e aumentaria o desempenho da cadeia de valor.

A ausência de mecanismos de financiamento perenes das actividades: Não existe ainda instituições de financiamento adaptadas para apoiar o desenvolvimento do sector. A administração das pescas desempenha actualmente este papel mas os fracassos encontrados mostram que não tem nem a vocação nem os meios para pilotar um sistema de financiamento. A emergência de instituições de micro finanças especializadas, do tipo mutualista é hoje a via mais realista para ter um sistema de financiamento perene. Embora preconizados pela carta actualizada da Política Agrícola de 2006, este tipo de instituição ainda não foi implementada. É promissor constatar que já existe em certos lugares sistemas de financiamento locais geridos pelos actores eles mesmos com fundos revolving sem apoio externo e que têm bons resultados (Santo António Praia na Região Autónoma do Príncipe).

[6] *Relatório de Missão de identificação das problemáticas sanitárias no sector pesca que obstrui o comércio com a Comunidade Europeia, Novembro 2014, Dr. Hélène Coulibal.*

Um circuito de abastecimento em equipamentos para a pesca e as actividades conexas pouco desenvolvido: Esta fraqueza conduziu o Estado a substituir-se ao privado para desempenhar um papel de importador e vendedor de material de pesca. A tarefa é difícil pois as administrações, em geral, estão pouco equipadas para realizar actividades comerciais. Numerosos pescadores efectuam a viagem para o Gabão ou Angola para comprar redes ou motores fora de borda. As actividades pós-captura necessitam de certos equipamentos que não estão disponíveis no mercado interno (caixa de poliestireno, matéria polietileno para confeccionar as tendas solares, etc.).

Lacunas na governança: Pôde-se constatar que as infra-estruturas da cadeia de frio, criadas pelo PRIASA I, não funcionam desde há 2 anos sem que se conheça a razão específica. Certas realizações da Profopesca (tendas solares, centros de transformação, bandejas de secagem) estão em degradação e às vezes mesmo antes da utilização, levantando o problema do acompanhamento e manutenção das infra-estruturas e equipamentos. O fenómeno foi constatado na Praia Abade, Porto Alegre e noutros locais. A governança também é fragilizada por uma certa cultura de assistência que se impôs nas relações com os poderes públicos, doadores, ONG e actores. Todos os apoios observados são dons sem contrapartida dos actoresIsso pode explicar a indiferença de certos actores em relação à degradação dos equipamentos ou infra-estruturas, ou sua falta de compromisso para certos projectos (Copafresco). As intervenções futuras deverão tirar lições desta corrosão das mentalidades guardando em mente que a pesca e as actividades conexas são actividades económicas, lucrativas e podem, para uma grande parte, se autofinanciarem.

As insuficiências organizacionais das associações: Se a existência das associações é de saudar, é forçoso constatar que, em muitos casos, a sua existência é mais formal que real. Como é frequentemente o caso, quando suscita-se a criação de organizações em favor de um apoio externo, o desaparecimento deste apoio acompanha-se frequentemente pela letargia destas organizações. A MARAPA iniciou um importante trabalho de redinamização das associações que deve contudo ser alargado a todas as associações.

Uma pesca semi-industrial em estado de sobrevivência: a obsolência da frota, a falta de apoios para este segmento do sector em termos de infra-estruturas adaptadas para o desembarque e financiamento dos equipamentos fazem com que a pesca semi-industrial encontre-se hoje num estado de sobrevivência.

As oportunidades

A existência de um mercado hoteleiro em crescimento e muito remunerador: a avaliação económica mostra a importância do valor acrescentado criado nos subsegmentos orientados para o mercado hoteleiro. Os preços remuneradores neste segmento de mercado asseguram rendimentos relativamente elevados aos pescadores, às palaiês e aos comerciantes grossistas. Por outro lado, este mercado é portador de melhorias da qualidade dos produtos e mudanças de hábitos e de comportamentos, benéficos ao conjunto do sector.

A existência de novos actores que possam fazer progredir o sector, neste caso os comerciantes grossistas. O papel de interface que desempenham entre os actores e os hotéis faz com que seja um elo privilegiado para impulsionar mudanças positivas no funcionamento do sector (a nível da recolha dos produtos, da vulgarização de certos equipamentos).

As infra-estruturas públicas em realização com o PRIASA: estas infra-estruturas, bem geridas marcarão um salto qualitativo no desenvolvimento da cadeia de frio. A criação do mercado central de Bobo Foro dará igualmente a oportunidade para um regulamento e uma organização necessária da actividade das palaiês.

As ameaças

A não observância dos textos e a ausência de regulação do acesso ao recurso faz pesar, a termo, uma ameaça real sobre o sector. Para além da ausência de limitação das cobranças sobre o recurso, constata-se um desenvolvimento de más práticas de pesca (malhas não conformes, pesca

submarina com garrafa) provocando conflitos entre pescadores. A pesca à rede de emalhar envolvente é indexada cada vez mais pelos pescadores de linha como prejudicial ao recurso. Se o segmento da exploração não for controlado, os efeitos negativos reflectir-se-ão sobre o conjunto do sector.

Dinâmica e mudanças correntes no sector

O sector da pesca de São Tomé e Príncipe é caracterizado por mudanças cujos aspectos notáveis são:

- Um crescimento dos investimentos públicos que tem um efeito estruturante sobre o sector. Outrora, marginalizada em benefício da agricultura, a pesca está doravante nas prioridades de desenvolvimento do país. A criação de mercados de peixes que incluem o desenvolvimento da cadeia de frio é de natureza a favorecer, para os próximos anos, as mutações desejadas em termos de modernização do sector e de respeito das normas de qualidade. O uso destas infra-estruturas irá necessariamente de par com uma organização dos actores e um regulamento das actividades em adequação com este novo ambiente que se cria. Para o futuro imediato, isto abre um vasto horizonte de adaptação dos regulamentos das actividades pós-captura.
- Uma tendência para capitalização no segmento artesanal da exploração dos recursos haliêuticos com o uso crescente e o forte pedido de motores fora de borda exprimido pelos pescadores. Esta evolução terá uma incidência sobre o desenvolvimento do esforço e da capacidade de pesca mas induzirá também um aumento dos consumos intermédios através do posto combustível. O aumento da intensidade capitalista da pesca artesanal também é notado com a promoção corrente da canoa PRAO que marca uma inovação tecnológica bem aceite pelos pescadores.
- Uma demanda dos hotéis em crescimento, estimulada pelo desenvolvimento do turismo. As entrevistas com os responsáveis das estruturas hoteleiras mostram que a possibilidade de consumir peixe de qualidade é um factor determinante na escolha de São Tomé e Príncipe como destino turístico. O desenvolvimento deste mercado hoteleiro, em relação ao afluxo crescente dos turistas, faz-nos interrogar sobre a pertinência de orientar mercados de exportação, nomeadamente europeus, sabendo que os efeitos benéficos procurados (obtenção de divisas) são gerados por este turismo em crescimento.
- A irrupção de novos actores nos sectores tradicionalmente atribuídos às palaiês como a comercialização do peixe fresco. Com efeito, o desenvolvimento do mercado hoteleiro acompanha-se de diversas exigências no que diz respeito aos fornecedores que necessitam que estes últimos sejam dotados de capacidades financeiras suficientes e em condições de respeitar contratos de entrega. Além disso, as exigências dos hotéis sobre a qualidade revelaram um novo perfil de comerciante grossista distinto das palaiês que pode desempenhar um papel importante no futuro, pela sua capacidade a elevar os outros actores do sector no domínio do respeito das normas de qualidade. Trata-se de um estímulo de mercado positivo.
- Um crescimento das capacidades de pesca em sintonia com um crescimento do número de palaiês nas actividades de pós-captura. Provavelmente, este movimento está ligado ao carácter refúgio do sector das pescas para numerosas pessoas num contexto onde as alternativas de emprego são muito fracas e onde os rendimentos tirados das actividades da pesca são atractivos comparativamente a outros sectores de actividades (exemplo agricultura).

Novo mercado do peixe de Bobo Foro

2.4 AVALIAÇÃO DA RIQUEZA CRIADA PELOS AGENTES E NOS SUBSECTORES

A. Avaliação do valor acrescentado criado pelo sector da pesca nacional

A avaliação da riqueza criada pelo sector, pelos Agentes e subsectores está baseada no estabelecimento prévio de contas de exploração dos Agentes do sector. Estas contas bem como a sua metodologia de elaboração são apresentadas nos anexos 2 e 3.

Os resultados obtidos mostram que o sector nacional das pescas de São Tomé e Príncipe cria um valor acrescentado total avaliado em 588 210 204 000 Dobras, ou seja 26 688 909 dólares US em 2015. O quadro 3 indica a distribuição desta riqueza entre os 3 segmentos constitutivos do sector.

Quadro 3: Valor acrescentado criado pela fileira nacional e distribuição entre os segmentos

Segmentos filiera pesca	Valor acrescentado (milhares Dobras)	Em % do valor acrescentado total do sector
Produção	369 421 214	63%
- Pesca artesanal	337 675 216	
- Pesca industrial	31 745 998	
Transformação	22 134 840	4%
- Salgado seco	18 201 768	
- Fumagem	3 933 072	
Comercialização	196 654 150	33%
- Produtos frescos	186 936 650	
- Produtos transformados	9 717 500	
VALOR ACRESCENTADO TOTAL DO SECTOR	**588 210 204**	**100%**

B. Avaliação do valor acrescentado criado pelo sector de pesca estrangeira

O valor acrescentado gerado pela pesca estrangeira é constituído pela contrapartida financeira prevista pelo acordo de parceria no sector das pescas entre a União Europeia e a República Democrática de São Tomé e Príncipe, na qual acrescenta-se os pagamentos dos armadores europeus a título de licenças de pesca e de taxa sobre a captura. Nesta base, o valor acrescentado criado pela pesca estrangeira em 2015 estima-se em 1 370 000 Euros, dos quais:

- Contrapartida financeira paga pela União Europeia, incluindo o apoio à implementação da política sectorial: 710 000 Euros;

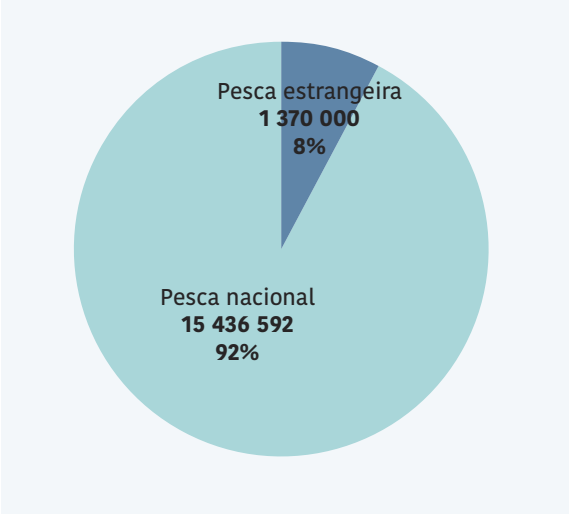
- Licenças e taxas sobre a captura: 660 000 Euros.

A análise comparativa dos segmentos da pesca nacional e estrangeira mostra que o valor acrescentado da pesca estrangeira é muito fraco em comparação com a gerada pela pesca nacional à luz das tonelagens das capturas respectivamente realizadas. Este desequilíbrio aparece no quadro 4 e no gráfico 2.

Quadro 4: Resultados comparativos da pesca nacional e estrangeira

Descrição	Valor acrescentado criado	Tonelagem realizada
Pesca nacional (pesca artesanal e pesca semi-industrial)	15 436 592€	11 147 toneladas
Pesca estrangeira	1 370 000€	12 000 toneladas

Gráfico 2: Distribuição do valor acrescentado directo (VAD) entre a pesca nacional e a pesca estrangeira



Comparativamente aos outros países (Costa de Marfim, Senegal, Mauritânia, etc.), os efeitos económicos da pesca estrangeira são muito limitados em São Tomé e Príncipe por várias razões, nomeadamente: i) a não utilização do seu porto como base logística para os navios europeus que pescam ao abrigo do acordo. O porto de Abidjan é principalmente utilizado para as operações de desembarque e transbordo das frotas atuneiras que operam na sub-região. Esta situação pode explicar-se pela inexistência de infra-estruturas de transformação, de armazenamento e de conservação de produtos haliêuticos bem como de serviços de abastecimento; ii) a fraca utilização, ou mesmo a ausência de observadores e de marinheiros santomenses embarcados nos navios europeus. Estas fraquezas privam o país de potenciais rendimentos económicos gerados pelas taxas portuárias, pelos empregos e rendimentos ligados à existência de indústrias de transformação em terra, à manutenção (estivadores), aos serviços de abastecimento, etc.

C. Avaliação global da riqueza produzida pelo sector da pesca de São Tomé e Príncipe em 2015

A agregação dos valores acrescentados criados pelo sector da pesca nacional e da pesca estrangeira permite avaliar a riqueza total produzida pelo sector da pesca de São Tomé e Príncipe:

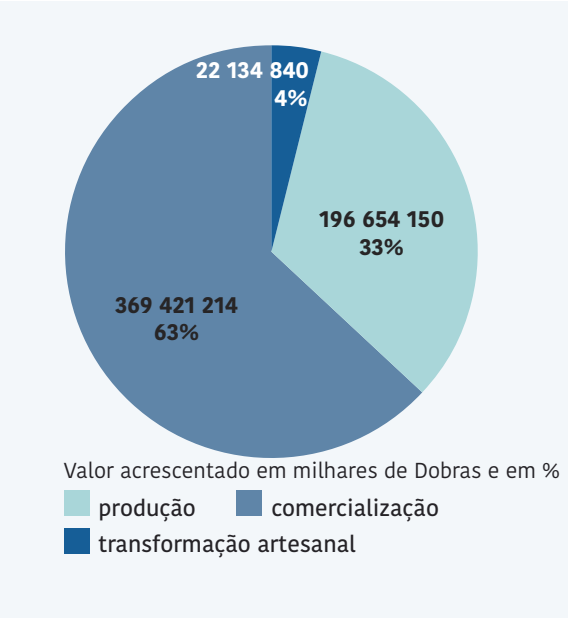
- Valor acrescentado criado pela pesca estrangeira em 2015 = 1 370 000 Euros
- Valor acrescentado total do sector de pesca nacional que inclui a captura, a transformação e a comercialização = 24 578 884 Euros

Valor acrescentado total do sector da pesca de São Tomé e Príncipe = 25 948 884 Euros

Em 2015, o valor acrescentado da fileira pesca representou 9% do PIB de São Tomé e Princípe. Esta estimativa é superior às estimativas actuais da contribuição da pesca ao PIB nacional, variável entre 4% e 7% do PIB de acordo com as fontes. A avaliação em termos do sector permite ter uma leitura interessante da importância da pesca na economia nacional e sua contribuição para o crescimento económico. Com efeito, as avaliações que medem a contribuição da pesca ao PIB, baseados nas regras de contabilidade nacional, tomam em consideração apenas o valor acrescentado do ramo pesca que corresponde ao segmento da captura(actividade de pesca como tal). Tomando em conta as actividades conexas da pesca (comercialização e transformação do peixe), a abordagem fileira permite uma melhor percepção dos desafios económicos ligados às políticas de investimento públicos na pesca, tendo em conta a amplitude dos efeitos induzidos a nível das actividades conexas.

D. Análise por segmentos do sector

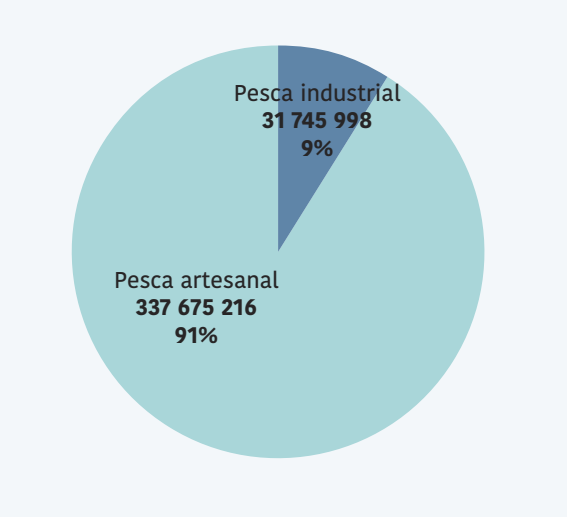
Gráfico 3: Distribuição por segmentos do valor acrescentado criado pelo sector nacional



O segmento da captura que representa a actividade de exploração dos recursos haliêuticos gera a parte preponderante do valor acrescentado do sector nacional da pesca, ou seja 63%.

Neste segmento da captura, a pesca artesanal é a mais praticada. Com efeito, as partes respectivas da pesca artesanal e da pesca semi-industrial são de 91% e 9%.

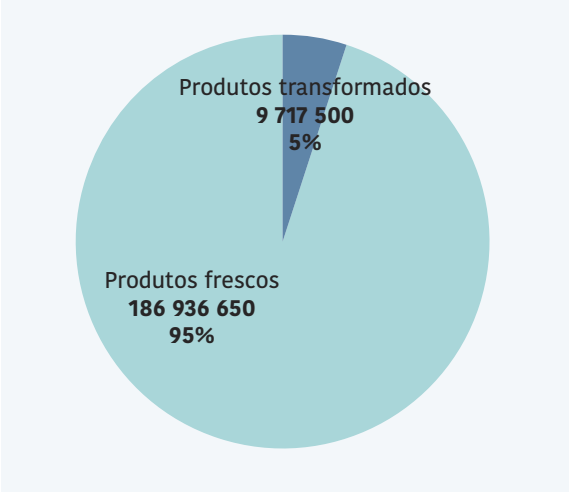
Gráfico 4: Distribuição do valor acrescentado criado pelo sector nacional no segmento captura



A distribuição do valor acrescentado sobre o segmento da captura revela a importância das actividades da pesca artesanal no funcionamento do sector, mas igualmente a situação difícil da pesca semi-industrial em termos de equipamentos de captura e meios de conservação.

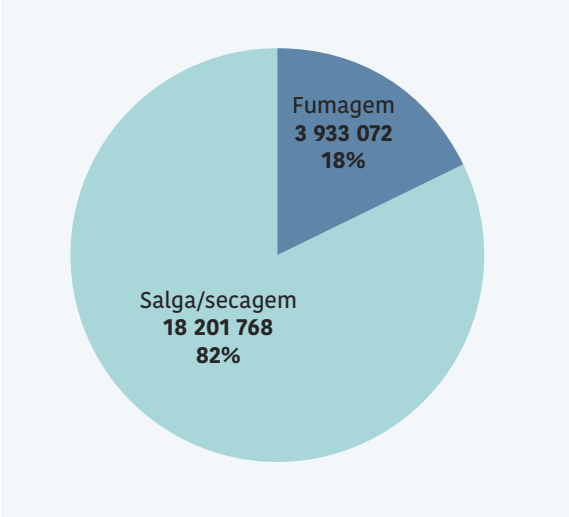
A comercialização dos produtos haliêuticos situa-se em segunda posição no que diz respeito à importância da riqueza produzida. Representa 33% do valor acrescentado do sector da pesca nacional. O essencial deste valor acrescentado é gerado pela comercialização dos produtos frescos. Este resultado mostra a importância desta actividade no sector e também os desafios consideráveis ligados ao seu desenvolvimento.

Gráfico 5: Distribuição do valor acrescentado criado pelo sector nacional no segmento comercialização



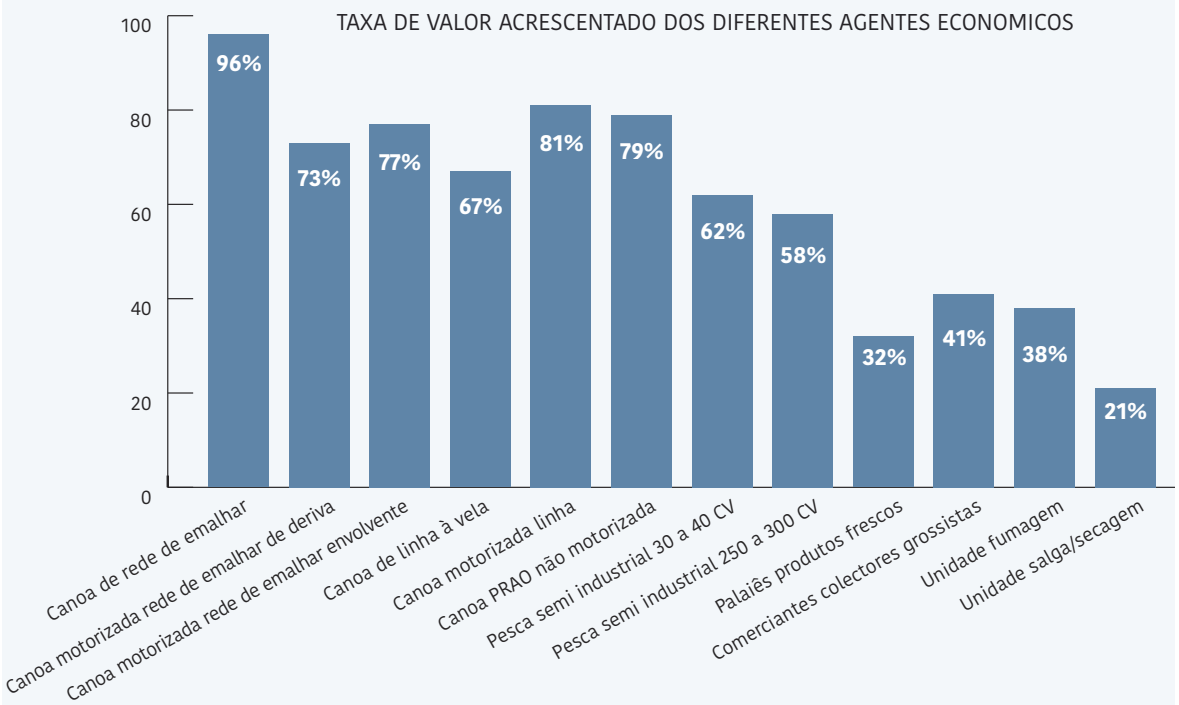
No que diz respeito à transformação artesanal dos produtos da pesca, a sua parte em percentagem do valor acrescentado do sector nacional é relativamente fraca e situa-se apenas a 4%. Esta fraca contribuição da transformação na criação de riqueza pode explicar-se pelo facto de que esta actividade não procede de uma intenção primeira. É realizada com lacunas, ou seja por falta de meios de conservação no fresco e/ou em caso de mercadorias por vender. É por isso que a actividade de transformação também é sobretudo dominada pela salga secagem que representa uma boa técnica de conservação do peixe.

Gráfico 6: Distribuição do valor acrescentado criado pelo sector nacional no segmento transformação



E. Análise por Agentes do sector

Gráfico 7: Distribuição do valor acrescentado criado pelo sector nacional entre os agentes do sector



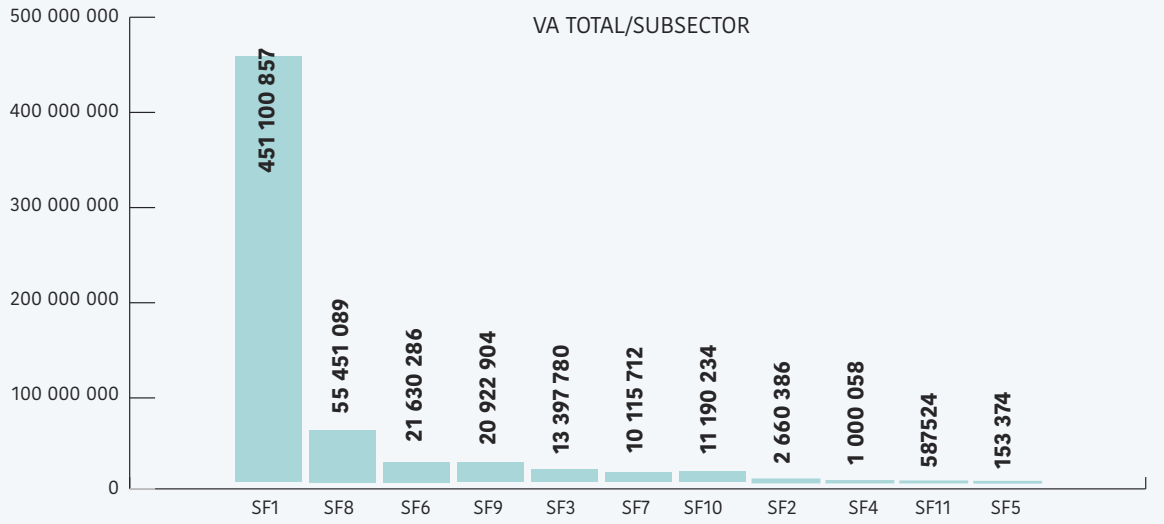
As taxas de valor acrescentado mais importantes são realizadas pelos Agentes que operam no segmento da captura e sobretudo na pesca artesanal. Esta situação reflecte a rentabilidade da actividade de pesca e revela ao mesmo tempo a racionalidade que norteia o desenvolvimento actual do esforço de pesca bem como a atracção da pesca para as populações costeiras. Observa-se que certos tipos de pesca apresentam taxas de valor acrescentado elevadas devido às suas vantagens. A canoa PRAO tem assim rendimentos mais elevados porque as suas qualidades intrínsecas (estabilidade) permitem-lhe explorar zonas de pesca remotas e operar em caso de intempérie. A canoa à linha motorizada pode operar em zonas de pesca remotas e igualmente aumentar os seus rendimentos. A canoa à vela que utiliza a rede de emalhar de deriva tem consumos intermédios reduzidos e acumula esta vantagem com uma forte capacidade de recolha do recurso.

Relativamente aos outros segmentos do sector, observa-se que o Agente grossista realiza a mais importante taxa de valor acrescentado. Este resultado está ligado aos preços contratuais concluído com os hotéis que são claramente mais remuneradores que os preços observados noutros mercados. Paradoxalmente, a transformação artesanal regista fracas taxas de valor acrescentado ligadas às razões já evocadas (actividade de segunda intenção). Mas este resultado mostra também a possibilidade de aumentar o nível de valor acrescentado melhorando os métodos de transformação e desenvolvendo a gama de produtos transformados.

F. Análise por subsectores

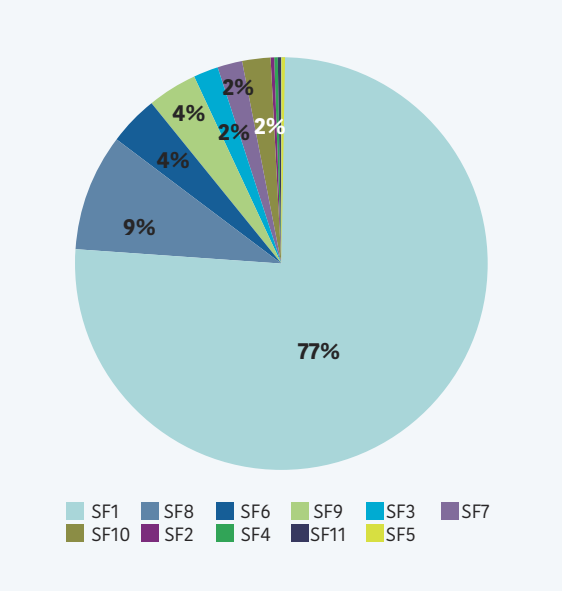
A contribuição dos subsectores para criação da riqueza é representada pelos gráficos 8 (em valor absoluto) e 9 (em valor relativo).

Gráfico 8: Distribuição do valor acrescentado em subsectores nacionais



SF1	Pesca artesanal Palaiês Mercados urbanos e rurais (frescos)
SF2	Pesca artesanal Palaiês Colectores Hotéis (frescos)
SF3	Pesca artesanal Colectores Hotéis (frescos)
SF4	Pesca artesanal Hotéis (frescos)
SF5	Pesca artesanal Associações PNASE (frescos)
SF6	Pesca semi-industrial Mercados urbanos (frescos)
SF7	Pesca semi-industrial instituições (frescos)
SF8	Pesca artesanal Palaiês Comerciantes mercados rurais (salgado/seco)
SF9	Pesca artesanal Palaiês mercados urbanos (salgado/seco)
SF10	Pesca artesanal Palaiês mercados rurais (fumado)
SF11	Pesca artesanal comerciantes (salgado/seco)

Gráfico 9: Contribuições em percentagem (%) dos subsectores de valor acrescentado criado pelo sector nacional



O subsector 1 (Pesca artesanal - Palaiês - Mercados urbanos e rurais dos produtos frescos) concentra 77% do valor acrescentado criado. Este resultado explica-se primeiro pelo facto de que o essencial das transacções em volume passa por este subsector. Contudo, a análise das fraquezas intrínsecas do subsector 1 mostra a possibilidade de aumentar o valor acrescentado que o mesmo gera, nomeadamente através da melhoria dos meios de conservação. O segundo subsector por ordem de importância é a salga/ secagem cujos Agentes constitutivos são a pesca artesanal, as palaiês, os comerciantes grossistas de produtos transformados. É interessante notar também que o subsector 3 que faz intervir os comerciantes grossistas representa 2% do valor acrescentado do sector enquanto comercializa 1% dos volumes. Isso traduz as potencialidades este subsector e advoga em prol de acções destinadas a melhorar o seu funcionamento (reforço dos meios de recolha, conservação e transporte dos produtos recolhidos).

2.5 PROPOSTAS DE IDEIAS DE PROJECTOS EM APOIO À PROMOÇÃO DO SECTOR

Estas propostas referem-se à localidades nas quais a missão de terreno considera que existe quadros associativos viáveis que podem servir de apoio à intervenções futuras. As propostas também estão em coerência com o diagnóstico feito por este estudo. As localidades retidas são: São Tomé, Micoló, Santa Catarina, Porto Alegre, Messias Alves e Santo António Praia na ilha do Príncipe.

Projecto 1: Apoio à promoção de uma rede de abastecimento dos hotéis

Descrição sumária: Estruturar e desenvolver uma rede de abastecimento composta de pescadores, palaiês e de um comerciante grossista em São Tomé. O comerciante grossista que assegura a interface dos actores com os hotéis será o núcleo constitutivo da rede.

Objectivos: Consolidar e melhorar o segmento de abastecimento dos hotéis.

Actividades:

- Identificar juntamente com o comerciante grossista as zonas de abastecimento e os fornecedores locais (palaiês, pescadores);
- Implementar um quadro de concertação entre os actores da rede;
- Definir um contrato entre os actores que estipula as condições de abastecimento (espécies a fornecer, preços, regularidade, normas de higiene e de qualidade etc.);
- Identificar os equipamentos e meios logísticos necessários para cada actor da rede de abastecimento;
- Financiamento da implementação da rede e o seu funcionamento com uma contrapartida dos actores.

Projecto 2: Reabilitação das tendas solares em Porto Alegre, Messias Alves, Neves

Descrição sumária: Reabilitar as tendas solares construídas no âmbito da PROFOPESCA, actualmente degradadas com materiais mais resistentes.

Objectivos: Développer et améliorer la conservation des produits halieutiques par des techniques améliorées de salage séchage

Actividades:

- Reconstruir as tendas solares com base em novos materiais (escolhas de um plástico adaptado e melhoria da carpintaria) inspirando-se dos modelos de tendas solares utilizados para a secagem do cacau;
- Definição das modalidades de gestão das infra-estruturas reabilitadas;
- Financiamento das novas infra-estruturas com uma contrapartida dos actores.

Modelo de tenda solar

Projecto 3: Apoio às actividades de transformação das Palaiês de Santo António Praia na ilha do Príncipe

Descrição sumária: O projecto traz uma resposta à marginalização das palaiês de Santo António Praia no sector local da pesca. São confrontadas com dois problemas essenciais: i) um acesso insuficiente à matéria-prima devido à falta de recursos financeiros e à concorrência dos pescadores nas actividades de salga/secagem; ii) o afastamento da ilha do Príncipe aumentando consideravelmente os custos de comercialização.

Objectivos: Reforçar as capacidades das mulheres de Santo António Praia no subsector local da salga/secagem.

©FAO/Lionel Kinadjian

Comercialização dos peixes na praia de Praia Melon

Actividades:

- Apoio financeiro complementar ao fundo revolving existente para desenvolver as actividades das mulheres palaiês transformadoras;
- Criação de uma cooperativa das palaiês de comercialização dos produtos salgados secos.

Projecto 4: Desenvolvimento das capacidades locais para a fabricação de recipientes isotérmicos melhorados

Descrição sumária: Trata-se de substituir as bacias actualmente utilizadas para a comercialização do peixe através de recipientes isotérmicos melhorados, baseando-se na experiência de países estrangeiros, nomeadamente o Senegal.

Objectivos: Melhorar a qualidade dos produtos haliêuticos frescos através do uso de meios de conservação adaptados.

Actividades:

- Recrutamento para um período de 6 meses de um artesão do Senegal especializado na fabricação de recipientes isotérmicos;
- Formação de artesões locais em técnicas de fabricação.

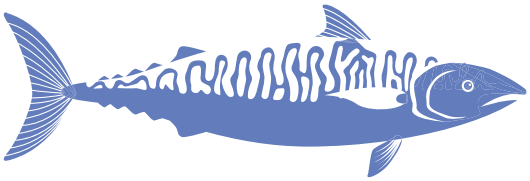
Projecto 5: Apoio às actividades de comercialização dos produtos frescos nas localidades de Micoló e Santa Catarina

Descrição sumária: O projecto vai desenvolver uma organização colectiva da comercialização dos produtos frescos a nível das mulheres palaiês. O projecto será desenvolvido em parceria com a ONG MARAPA.

Objectivos: Melhorar o rendimento das mulheres palaiês através de uma racionalização dos custos de comercialização.

Actividades:

- Compra de uma carrinha isotérmica gerida pela ONG MARAPA;
- Implementação de um quadro contratual para assegurar a comercialização do peixe fresco para os lugares de venda (definição dos trajectos, das tarifas aplicáveis, dos horários de recolha, das modalidades de venda no destino, do papel das palaiês na venda, etc.).



Estudo do sector dos produtos do mar em São Tomé e Príncipe

©FAO/Joseph Cacanzano

3. ANEXOS

ANEXO 1: METODOLOGIA DE ELABORAÇÃO DO QUADRO DAS QUANTIDADES E VALORES

Origem da pesca artesanal e destino dos comerciantes grossistas hotéis

A missão encontrou o responsável abastecimento do Grupo Pestana bem como um comerciante grossista fornecedor deste grupo. O Grupo abastece-se junto de 4 comerciantes que fornecem cada um em média 20 800 Kg de peixe por ano à 100 000 Dobras por quilo. As entrevistas também revelaram que o Grupo representa 50% do abastecimento dos hotéis que representa por conseguinte um total anual de 166,4 toneladas.

Origem da pesca artesanal e destino hotéis

Para este destino, o pescador entrega directamente o seu peixe ao hotel. É nomeadamente o caso em Porto Alegre e na Região Autónoma do Príncipe. As avaliações junto dos hotéis encontrados fazem referência de 21,9 toneladas.

Origem da pesca artesanal e destino associações dos pescadores e de palaiês

Trata-se das entregas de peixe efectuado no âmbito do PNASE e que transitam pelas associações dos pescadores e das palaiês. Os dados em volume e valor foram recolhidos junto do PNASE.

Origem da pesca artesanal e destino palaiês transformadoras (salga, seca e peixe fumado)

As avaliações em volume foram feitas de maneira empírica e baseadas na experiência dos Agentes de terreno (Direcção das Pescas e MARAPA). Foi definida uma chave de distribuição em percentagem das diversas utilizações da captura desembarcada em cada local. Assim, para cada local, definiu-se as partes respectivas da captura destinadas à comercialização de produtos frescos, salgados, secos e fumados. As percentagens foram aplicadas às estatísticas de desembarque de cada local para ter as tonelagens respectivas de produto salgado, seco e fumado.

	Utilisação da captura		
RÉGIÕES/COMUNIDADES	**Fresco**	**Salgado**	**Fumado**
Agua Grande			
Praia São João	100%		
Praia Cruz	95%	4%	1%
Praia Gamboa	95%	4%	1%
Praia Lochinga	95%	4%	1%
Pantúfo	95%	5%	
Cantagalo			
Cova Água	95%	5%	
Messias Alves	80%	15%	5%
Plano de Água Izé	100%		
Praia Almocherife	100%		
Ribeira Afonso	88%	2%	
Lobata			
Praia 15	95%	5%	
Praia Micoló	97%	3%	
Fernão Dias	100%		
Praia Mouro Peixe	95%	5%	
Lembá			
Água Tomá	80%	16%	4%
Bairro Bengá	80%	16%	4%
Bairro Rosema	80%	16%	4%
Praia Brita	100%		
Santa Catarina	90%	10%	
Mé-Zochi			
Praia Melão	97%	2%	1%
Cauê			
Angra Toldo	100%		
Angolares	80%	20%	
Yô Grande	100%		
Praia Pesqueira	99%	1%	
Ribeira Peixe	99%	1%	
Monte Mário			
Malanza	20%	80%	
Porto Alegre	17%	90%	3%
Região Autónoma do Príncipe			
Praia Seabra	30%	70%	
Praia São Pedro	30%	70%	
Capitania	30%	70%	
Praia de Abelha	30%	70%	
Praia Iame	30%	70%	
Praia Sundy	30%	70%	
Praia Abade	30%	70%	
Praia Burra	30%	70%	
Praia Campanha	30%	70%	
Praia Lapa	30%	70%	
Praia Seca	30%	70%	
Praia Yola	30%	70%	
Praia Esprainha	30%	70%	
Praia São João	30%	70%	
Praia caixão	30%	70%	

Origem da pesca artesanal e destino mercado de São Tomé (salgado/seco)

Trata-se de produtos transformados pelos pescadores da região de Príncipe e directamente vendidos no mercado de São Tomé, transportados através de barco. Estes produtos não transitam pelas palaiês.

Origem da pesca semi-industrial e destinos mercado de São Tomé e Forças Armadas/hospitais

São os desembarques da pesca semi-industrial comercializados no cais de São Tomé. As entrevistas com os armadores encontrados permitiram ter a percentagem destes desembarques comercializados junto dos compradores (populações, restaurantes, hotéis) e a percentagem fornecida directamente ao exército e aos hospitais, ou seja respectivamente 2/3 e 1/3.

A valorização da captura é baseada nos dados de preços recolhidos no terreno nas diferentes fases do sector.

ANEXO 2: METODOLOGIA GERAL DE ELABORAÇÃO DAS CONTAS

As contas de exploração dos Agentes foram elaboradas com base nos inquéritos realizados aquando da missão de terreno que teve lugar de 15 de Abril a 2 de Maio de 2017. Foram realizadas pelos consultores com o apoio do técnico da MARAPA e do coordenador nacional do TCP/STP/3603. Os inquéritos tiveram como suporte os questionários do anexo 6.

Foram efectuadas junto de uma amostra de 53 actores. Para a pesca artesanal, 7 locais foram objecto de inquéritos, a sua escolha estando relacionada com a importância do tipo de pesca inquirido nesse local. Para as palaiês que comercializam peixe fresco ou salgado/seco, o número de pessoas inquiridas foram distribuídas entre locais próximos de São Tomé (Praia Melão, por exemplo) e locais longínquos (Porto Alegre e Príncipe) para ponderar certos elementos de custos.

Quadro 5: Amostra do inquérito

Actores entrevistados	Número
Pescadores	
Linha não motorizada	10
Linha motorizada	8
Rede de emalhar de deriva à vela	4
Rede de emalhar de deriva motorizada	4
Canoa PRAO	2
Rede de cerco	2
Sub-total	30
Armadores pesca semi-industrial	**2**
Comercialização em fresco	
Palaiês (comercialização en fresco)	10
Comerciantes grossistas	1
Sub-total	11
Transformação artesanal	
Palaiês (salgado/seco)	8
Palaiês (fumado)	2
Sub-total	10
TOTAL	**53**

As contas de exploração são baseadas em valores médios dos elementos de custos e de despesas comunicados pelas pessoas interrogadas.

Mercado do peixe

ANEXO 3: APRESENTAÇÃO DAS CONTAS DE EXPLORAÇÃO

Quadro 6: Conta de exploração de canoa à vela, rede de emalhar de deriva

DESPESAS	Custos unitários (Dobras/tonelada)	Custo global (k Dobras)	PRODUTOS	Quantidade Tonelada	Preço unitário (Dobras/kg)	Produto global (k Dobras)
Consumos intermediários			Volume de negocios SI	8	40 000	320 000
Gelo	562,50	4 500	Produção			
Combustível e lubrificantes	875,00	7 000	Taxas suportadas			0
TOTAL C.I	1 437,50	11 500				
Valor acrescentado	**38 562,50**	**308 500**	**Volume de negocios incluíndo impostos**			**320 000**

Taxa de valor acrescentado: 96%

Bases de cálculo

A conta de exploração é elaborada para uma canoa que utiliza como engenho principal, a rede de emalhar. O meio de propulsão é a vela e o remo. Geralmente, 1 pescador é embarcado à bordo para a faina. O número médio de dias da faina por ano é estimado em 300.

De acordo com os inquéritos efectuados junto da amostra de pescadores interrogados, os resultados e dados de exploração estabelecem-se em média do seguinte modo:

- Capturas médias por saída: 26,6 Kg;
- Espécies principais pescadas: salmonetes, besugo, abadejos, garoupa, fulo-fulo, cavalas, etc.;
- Compras de gelo por faina: entre 0 e 30 000 Dobras, ou seja uma média de 15 000 Dobras;
- Valor canoa, vela e remo: 10 000 000 Dobras;
- Manutenção e reparação da canoa, da vela: 10% do valor da canoa por ano;
- Valor da rede: 40 000 000 Dobras;
- Manutenção e reparação da rede: 15% do valor do motor por ano.

Quadro 7: Conta de exploração canoa motorizada rede de emalhar de deriva

DESPESAS	Custos unitários (Dobras/tonelada)	Custo global (k Dobras)	PRODUTOS	Quantidade Tonelada	Preço unitário (Dobras/kg)	Produto global (k Dobras)
Consumos intermediários			Volume de negocios SI	15	40 000	600 000
Combustível e lubrificantes	10 000	150 000	Produção			
Gelo	300	4 500				
Manutenção/Reparação	627	9 400	Taxas suportadas			0
TOTAL C.I	10 927	163 900				
Valor acrescentado	**29 073**	**436 100**	**Volume de negocios incluíndo impostos**			**600 000**

Taxa de valor acrescentado: 73%

Bases de cálculo

A conta de exploração é elaborada para uma canoa motorizada (8 CV) que utiliza como engenho principal, a rede de emalhar envolvente. Geralmente, 1 a 2 pescadores são embarcados à bordo para faina. O número médio de dias de faina por ano é estimado em 300.

De acordo com os inquéritos efectuados junto da amostra de pescadores interrogados, os resultados e dados de exploração estabelecem-se em média do seguinte modo:

- Capturas médias por faina: 50 Kg;
- Espécies principais pescadas: salmonetes, besugo, abadejos, garoupa, fulo-fulo, cavalas, etc.;
- Consumo combustível por faina: 500 000 Dobras;
- Compras de gelo por faina: entre 0 e 30 000 Dobras, ou seja uma média de 15 000 Dobras retido;
- Valor canoa, vela e resma: 10 000 000 Dobras;
- Manutenção e reparação da canoa, da vela: 10% do valor da canoa por ano;
- Valor da rede: 40 000 000 Dobras;
- Manutenção e reparação da rede: 15% do valor do motor por ano.

Quadro 8: Conta de exploração canoa motorizada redes de cerco

DESPESAS	Custos unitários (Dobras/tonelada)	Custo global (k Dobras)	PRODUTOS	Quantidade Tonelada	Preço unitário (Dobras/kg)	Produto global (k Dobras)
Consumos intermediários			Volume de negocios SI	150	40 000	6 000 000
Combustível e lubrificantes	8 750	1 312 500	Produção			
Manutenção/Reparação		74 250	Taxas suportadas			0
TOTAL C.I	9 245	1 386 750				
Valor acrescentado	**30 755**	**4 613 250**	**Volume de negocios incluíndo impostos**			**6 000 000**

Taxa de valor acrescentado: 77%

Bases de cálculo

A conta de exploração é elaborada para uma unidade de pesca à rede de emalhar envolvente que utiliza 2 canoas e 2 motores fora de bordo (1 motor de 40 CV e um motor de 25 CV). Em geral, 15 marinheiros formam a tripulação. O número médio de dias de faina por ano é estimado em 300.

Após os inquéritos efectuados junto da amostra de pescadores interrogados, os resultados e dados de exploração estabelecem-se em média do seguinte modo:

- Capturas médias por faina: 500 Kg;
- Espécies principais pescadas: salmonetes, besugo, abadejos, garoupa, fulo-fulo, cavalas, etc.;
- Consumo combustível por faina: 175 litros, ou seja 3 750 000 Dobras;
- Valor das 2 pirogas: 210 000 000 Dobras;
- Manutenção e reparação das canoas: 10% do valor por ano;
- Valor da rede: 150 000 000 Dobras;
- Manutenção e reparação da rede: 15% do valor do motor por ano;
- Valor dos motores: 205 000 000 Dobras;
- Manutenção e reparação de motores: 15% do valor por ano.

Quadro 9: Conta de exploração canoa à vela linha

DESPESAS	Custos unitários (Dobras/tonelada)	Custo global (k Dobras)	PRODUTOS	Quantidade Tonelada	Preço unitário (Dobras/kg)	Produto global (k Dobras)
Consumos intermediários			Volume de negocios SI	7,25	40 000	290 000
Combustível e lubrificantes	12 000	87 000	Produção			
Gelo	1 200	8 700				
Manutenção/Reparação	47	338	Taxas suportadas			0
TOTAL C.I	13 247	96 038				
Valor acrescentado	**26 753**	**193 932**	**Volume de negocios incluíndo impostos**			**290 000**

Taxa de valor acrescentado: 67%

Bases de cálculo

A conta de exploração é elaborada para uma canoa de linha que utiliza a vela e o remo. Geralmente, apenas 1 pescador é embarcado a bordo para a faina. O número médio de dias de faina por ano é estimado em 290.

Após os inquéritos efectuados junto da amostra de pescadores interrogados, os resultados e dados de exploração estabelecem-se em média do seguinte modo:

- Capturas médias por faina: 25 Kg;
- Espécies principais pescadas: salmonetes, besugo, abadejos, garoupa, fulo-fulo, cavalas, etc.;
- Consumo combustível por faina: ente 0 e 60 000 Dobras por faina, ou seja uma média de 30 000 Dobras;
- Valor da canoa: 2 500 000 Dobras;
- Manutenção e reparação da canoa: 15% do valor da canoa por ano;
- Valor da vela: 150 000 Dobras;
- Manutenção e reparação da vela: 25% do valor do motor por ano;
- Valor do material de pesca (fio, chumbo, anzois): 250 000 Dobras;
- Manutenção e reparação do material de pesca: 20% do valor por ano.

Quadro 10: Conta de exploração da canoa motorizada linha

DESPESAS	Custos unitários (Dobras/tonelada)	Custo global (k Dobras)	PRODUTOS	Quantidade Tonelada	Preço unitário (Dobras/kg)	Produto global (k Dobras)
Consumos intermediários			Volume de negocios SI	13,05	40 000	522 000
Combustível e lubrificantes		87 000	Produção			
Gelo		8 700				
Manutenção/Reparação		6 000	Taxas suportadas			0
TOTAL C.I	7 793	101 700				
Valor acrescentado	**32 207**	**420 300**	**Volume de negocios incluíndo impostos**			**522 000**

Taxa de valor acrescentado: 81%

Bases de cálculo

A conta de exploração é elaborada para uma canoa de linha motorizada. Um motor de potência de 8 CV é utilizado. 1 a 2 pescadores são embarcados à bordo para a faina. O número médio de dias de faina por ano é estimado em 290.

Após os inquéritos efectuados junto da amostra de pescadores interrogados, os resultados e dados

de exploração estabelecem-se em média do seguinte modo:

- Capturas médias por faina: 45 Kg;
- Espécies principais pescadas: salmonetes, besugo, abadejos, garoupa, fulo-fulo, cavalas, etc.;
- Consumo de combustível por faina: 300.000 Dobras;
- Compras de gelo por faina: entre 0 e 60.000 Dobras, ou seja uma média de 30.000 Dobras;
- Valor da canoa: 10.000.000 Dobras;
- Manutenção e reparação da canoa: 15% do valor da canoa por ano;
- Valor do motor: 30.000.000 Dobras;
- Manutenção e reparação do motor: 15% do valor do motor por ano.

Quadro 11: Conta de exploração da canoa PRAO

DESPESAS	Custos unitários (Dobras/tonelada)	Custo global (k Dobras)	PRODUTOS	Quantidade Tonelada	Preço unitário (Dobras/kg)	Produto global (k Dobras)
Consumos intermediários			Volume de negocios SI	12	40 000	480 000
Combustível e lubrificantes	7 250	87 000	Produção			
Gelo	725	8 700				
Manutenção/Reparação	320	3 838	Taxas suportadas			0
TOTAL C.I	8 295	99 538				
Valor acrescentado	**31 705**	**380 462**	**Volume de negocios incluíndo impostos**			**480 000**

Taxa de valor acrescentado: 79%

Bases de cálculo

A conta de exploração é elaborada para uma canoa de tipo PRAO que utiliza a vela e o remo. Geralmente, 1 à 2 pescadores são embarcados à bordo para a pesca. O número médio de dias de faina por ano é estimado em 290.

De acordo com os inquéritos efectuados junto da amostra de pescadores interrogados, os resultados e dados de exploração estabelecem-se em média do seguinte modo:

- Capturas médias por faina: 41 Kg;
- Espécies principais pescadas: salmonetes, besugo, abadejos, garoupa, fulo-fulo, cavalas, etc.;
- Compras de gelo por faina: entre 0 e 60.000 Dobras, ou seja uma média de 30.000 Dobras;
- Valor da canoa: 25.000.000 Dobras;
- Manutenção e reparação da canoa: 15% do valor da canoa por ano;
- Valor da vela: 150 000 Dobras;
- Manutenção e reparação da vela: 25% do valor do motor por ano;
- Valor do material de pesca (fio, chumbo, anzois): 250.000 Dobras;
- Manutenção e reparação do material de pesca: 20% do valor por ano.

Quadro 12: Conta de exploração de barco de pesca semi-industrial 30 à 40 CV

DESPESAS	Custos unitários (Dobras/tonelada)	Custo global (k Dobras)	PRODUTOS	Quantidade Tonelada	Preço unitário (Dobras/kg)	Produto global (k Dobras)
Consumos intermediários			Volume de negocios SI			
Combustível e lubrificantes	15 111	326 400	Produção			
Alimento	2 222	48 000	Venda no cais	15	75 000	1 125 000
Gelo	7 111	153 600	Venda aos hospitais e exércicio	7	70 000	504 000
Material de pesca	556	12 000				
Manutenção/Reparação	3 109	67 149	Total vendas	22		
Despesas portuários	222	4 800	Taxas suportadas			0
TOTAL C.I	28 331	611 949				
Valor acrescentado	**47 086**	**1 017 051**	**Volume de negocios incluíndo impostos**			**1 629 000**

Taxa de valor acrescentado: 62,4%

BASES DE CÁLCULO

A conta de exploração é elaborada para um barco padrão da pesca semi-industrial que pertence à flotilha dos "pequenos barcos". Trata-se de barcos cuja capacidade de porão é de 1 tonelada e cuja potência a motor varia entre 30 e 40 CV. 6 a 8 marinheiros embarcam num barco. Estes barcos efectuam em média 4 marés por mês, cada maré durante 4 a 5 dias.

De acordo com os inquéritos efectuados junto dos armadores, os resultados e dados de exploração estabelecem-se em média do seguinte modo:

- Capturas por maré: 450 Kg;
- Espécies principais pescadas: salmonetes, besugo, abadejos, garoupa, fulo-fulo, cavalas, etc.;
- Consumo de combustível por faina: 300 litros, ou seja 6,8 Milhões Dobras;
- Despesas em alimento por faina: 1 Milhão Dobras;
- Compras de gelo por faina: 40 barras, ou seja 3,2 Milhões Dobras;
- Material de pesca: 1 Milhão Dobras por mês;
- Despesas portuárias: 200 000 Dobras;
- Preço de venda ao Kg: 75 000 Dobras para o público e os donos de restaurantes; 70 000 Dobras para os hospitais e o exército;
- Avaliação do valor do barco: 250 000 000 Dobras;
- Avaliação do valor do motor: 114 325 000 Dobras;
- Manutenção/reparação: 15% do valor do barco e 20% do valor do motor.

Venda de peixe em Porto Alegre

©FAO/Lionel Kinadjian

Quadro 13: Conta de exploração de barco de pesca semi-industrial 250 a 300 CV

DESPESAS	Custos unitários (Dobras/tonelada)	Custo global (k Dobras)	PRODUTOS	Quantidade Tonelada	Preço unitário (Dobras/kg)	Produto global (k Dobras)
Consumos intermediários			Volume de negocios SI			
Combustível e lubrificantes	16 667	600 000	Produção			
Alimento	3 200	115 200	Venda no cais	24	75 000	1 800 000
Gelo	6 600	216 000	Venda aos hospitais e exércicio	12	70 000	840 000
Material de pesca	833	30 000				
Manutenção/Reparação	4 088	147 165	Total vendas	36		
Despesas portuários	133	4 800	Taxas suportadas			0
TOTAL C.I	30 921	1 113 165				
Valor acrescentado	**42 412**	**1 526 835**	**Volume de negocios incluíndo impostos**			**2 640 000**

Taxa de valor acrescentado: 58%

Bases de cálculo

A conta de exploração é elaborada para um barco padrão da pesca semi-industrial que pertence à flotilha dos "grandes barcos". Trata-se de barcos cuja capacidade de porão é de 5 toneladas e cuja potência do motor varia entre 250 e 300 CV 12 marinheiros embarcam num barco. Estes barcos efectuam em média 2 marés por mês, cada maré durante 10 a 12 dias.

De acordo com os inquéritos efectuados junto dos armadores, os resultados e dados de exploração estabelecem-se em média do seguinte modo:

- Capturas por maré: 1,5 tonelada;
- Espécies principais pescadas: salmonetes, besugo, abadejos, garoupa, fulo-fulo, cavalas, etc.;
- Consumo de combustível por faina: 1 500 litros, ou seja 25 Milhões Dobras;
- Despesas em alimento por faina: 4,8 Milhões Dobras;
- Compras de gelo por faina: 120 barras, ou seja 9 Milhões Dobras;
- Material de pesca: 2,5 Milhões Dobras por mês;
- Despesas portuárias: 200 000 Dobras;
- Preço de venda ao Kg: 75 000 Dobras para o público e os donos de restaurantes; 70 000 Dobras para os hospitais e o exército;
- Avaliação do valor do barco: 380 100 000 000 Dobras;
- Avaliação do valor do motor: 450 000 000 Dobras
- Manutenção/reparação: 15% do valor do barco e 20% do valor do motor.

Quadro 14: Conta de exploração de palaiês (produtos frescos)

DESPESAS	Custos unitários (Dobras/tonelada)	Custo global (k Dobras)	PRODUTOS	Quantidade Toneladas	Preço unitário (Dobras/kg)	Produto global (k Dobras)
Consumos intermediários			Mercado interno			
Compras pesca artesanal	40 000	144 000	Produção	3,6	66 000	237 600
Gelo	800	2 880				
Transporte	2 400	8 640				
Alimento	2 000	7 200	Taxas suportadas			0
TOTAL C.I	45 200	162 720				
Valor acrescentado	**20 800**	**74 880**	**Volume de negocios**			**237 600**

Taux de valeur ajoutée: 32%

Bases de cálculo

Para uma palaiê que comercializa peixe fresco, os resultados dos inquéritos avaliam à 25 Kg a quantidade média das compras efectuadas na praia por dia. O preço de compra médio é estimado em 40 000 Dobras por quilo.

Em média, uma palaiê efectua 3 operações de comércio por grosso, por semana e estimou-se em 11 meses de trabalho, ou seja 48 operações por ano.

A compra do gelo para a conservação não é sistemática e as somas gastas variam entre 0 e 40 000 Dobras, onde uma média de 20 000 Dobras é calculada por operação de comércio por grosso.

A cada operação de comércio por grosso, uma palaiê gasta em média 60 000 Dobras para o transporte e 50 000 Dobras para o alimento.

O peixe comprado é revendido ao preço médio de 66 000 Dobras por quilo.

Quadro 15: Conta de exploração do comerciante por grosso

DESPESAS	Custo global (k Dobras)	PRODUTOS	Quantidade Tonelada	Preço unitário (Dobras/kg)	Produto global (k Dobras)
Consumos intermediários		Mercado interno			
Compras pesca artesanais	8 070 000	Hotéis	193,6	100 000	19 360 000
Compras Palaiês	1 932 000	Hospitais e exército	0	70 000	0
Transporte	187 200	Total	193,6		19 360 000
Embalagens	30 000				
Aluguer	12 000	Taxas suportadas			0
Gelo	968 150				
TOTAL C.I	11 199 350				
Valor acrescentado	**8 160 650**				

Taxa de valor acrescentado: 41%

Bases de cálculo

Ressalta dos inquéritos que o segmento dos hotéis abastece-se essencialmente junto de comerciantes por grosso, estes últimos representam ao lado das palaiês, um outro grupo de actores que comercializam peixe fresco e têm como cliente alvo os hotéis. Os inquéritos foram conduzidos junto do Grupo Pestana que representa o principal grupo hoteleiro em São Tomé e Príncipe e junto de um comerciante por grosso para avaliar

os fluxos de produtos e os custos e rendimentos associados à actividade dos comerciantes por grosso. Os dados e resultados seguintes foram recolhidos :

- Existem 4 comerciantes por grosso que fornecem o grupo Pestana principalmente e em menor quantidade, os outros hotéis e instituições como o exército e os hospitais: De acordo com os dados e informações recolhidos junto do Grupo Pestana, as quantidades de peixe entregues ao Grupo pelos comerciantes grossistas estabelecem-se anualmente a 89,85 toneladas. O Grupo Pestana também estimou que o seu consumo deveria representar a metade do consumo dos hotéis de São Tomé e Príncipe. Nesta base, avaliou-se em 179,7 toneladas, as quantidades entregues aos hotéis pelos comerciantes grossistas. Os comerciantes grossistas fornecem também 19,9 toneladas de peixe por ano aos hospitais e ao exército. É o que sobressai dos nossos inquéritos junto destas 2 instituições. O peixe é vendido em média a 100 000 Dobras por quilo aos hotéis e 70 000 Dobras por quilo às instituições;
- O abastecimento dos comerciantes por grosso faz-se junto dos pescadores e das palaiês:
  - Quantidades anuais compradas junto dos pescadores: 166,4 toneladas - Preço de compra: 50 000 Dobras o Kg;
  - Quantidades anuais compradas junto das palaiês: 33,2 toneladas - Preço de compra: 60 000 Dobras o Kg.

Quadro 16: Conta de exploração de uma unidade de fumagem

DESPESAS	% volume negócios	Custo global (Dobras)	PRODUTOS	Quantidade (Kg)	Preço unitário (Dobras/kg)	Produto global (Dobras)
Consumos intermediários			Total volume de negocios sem impostos			
Matéria prima	55,56	220 000 000	Produção	3 600	110 000	396 000 000
Combustivel	4,85	19 200 000				
Transporte	0,61	2 400 000	Taxas suportadas			0
Embalagem	0,30	1 200 000				
Alimentação	0,30	1 200 000				
Manutenção	0,18	720 000				
TOTAL C.I	61,80	244 720 000				
Valor acrescentado	**38,20**	**151 280 000**	**Volume de negocios**			**396 000 000**

Taxa de valor acrescentado: 38%

Bases de cálculo

A conta de exploração foi elaborada com base nos dados de custos e de rendimentos associados à uma operação de fumagem em Neves. Os resultados dos inquéritos permitiram estimar as quantidades médias de uma operação de fumagem, bem como os custos e rendimentos associados.

- Números operações de transformação por mês: 2;
- Números de meses trabalhados: 12;
- Compras médias de matéria-prima (peixe fresco): 250 Kg a 45 000 Dobras/Kg;
- de combustível: por operação: 800 000 Dobras;
- Transporte para a comercialização: 100 000 Dobras;
- Despesas de embalagem: 50 000 Dobras por operação;
- Despesas de movimentação: 30 000 Dobras por operação;
- Despesas em alimentação: 50 000 Dobras por operação de comercialização;
- Peso terminado após transformação: 60% peso matéria-prima fresca;
- Preço de venda médio: 110 000 Dobras o Kg.

Quadro 17: Conta de exploração de uma unidade de salga/secagem

DESPESAS	% volume negócios	Custo global (Dobras)	PRODUTOS	Quantidade (Kg)	Preço unitário (Dobras/kg)	Produto global (Dobras)
Consumos intermediários			Total volume de negocios sem impostos			
Matéria prima	66,67	26 400 000	Produção	330	120 000	39 600 000
Sal	5,00	1 980 000				
Transporte	2,78	1 100 000	Taxas suportadas			0
Embalagem	1,67	660 000				
Alimentação	2,78	1 100 000				
Manutenção	0,56	220 000				
TOTAL C.I	79,44	31 460 000				
Valor acrescentado	**20,56**	**8 140 000**	**Volume de negocios**			**39 600 000**

Taxa de valor acrescentado: 21%

Bases de cálculo

A conta de exploração foi elaborada com base nos dados de custos e de rendimentos associados à uma operação de salga. Os resultados dos inquéritos permitiram estimar as quantidades médias de uma operação de salga e de secagem para uma mulher palaiê.

- Números operações de transformação por mês: 2;
- Números meses trabalhados: 11;
- Compras médias de matéria-prima (peixe fresco): 30 Kg à 40 000 Dobras/Kg;
- Compra de sal: por operação: 90 000 Dobras;
- Transporte para a comercialização: 50 000 Dobras;
- Despesas de embalagem: 30 000 Dobras por operação;
- Despesas de movimentação: 10 000 Dobras por operação;
- Despesas em alimentação: 50 000 Dobras por operação de comercialização;
- Peso terminado após transformação: 50% peso matéria-prima fresca;
- Preço de venda médio: 120 000 Dobras/Kg.

Secagem traditional

©FAO/Lionel Kinadjian

ANEXO 4: METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO DO VALOR ACRESCENTADO

Cálculo do valor acrescentado à captura

Cálculo do valor acrescentado à captura

As contas de exploração por tipo de pesca permitiram calcular o valor acrescentado por tonelada pescada. O valor acrescentado global por tipo de pesca é obtido por extrapolação à captura global.

Quadro 18: Cálculo do V.A para a captura

TIPO DE PESCA		Produção estimada (em toneladas)	Valor acrescentado à tonelada (k Dobras)	Valor acrescentado global (k Dobras)
Pesca artesanal	Canoa à linha motorizada	663	32 207	21 353 241
	Canoa à linha não motorizada	2050	26 753	54 843 650
	Canoa PRAO à linha não motorizada	302	31 705	9 574 910
	Canoa à rede de deriva motorizada	1370	29 073	39 830 010
	Canoa à rede de deriva não motorizada	4855	38 563	187 223 365
	Canoa à rede de emalhar envolvente	808	30 755	24 850 040
Pesca semi industrial	Barcos 250 à 300 CV	290	42 412	12 299 480
	Barcos 30 à 40 CV	413	47 086	19 446 518
TOTAL VALOR ACRESCENTADO A PRODUÇÃO				**369 421 214**

Cálculo do valor acrescentado à comercialização dos produtos frescos

Metodologia

A comercialização do peixe fresco é realizada por 2 categorias de actores: i) as palaiês, ii) os comerciantes por grosso. Uma conta de exploração consolidada foi elaborada para os 4 comerciantes por grosso com base nos dados e informações recolhidos. Para as palaiês, uma conta de exploração padrão foi elaborada e permite calcular o valor acrescentado criado por unidade de exploração. O valor acrescentado obtido foi aplicado à tonelada vendida seguidamente extrapolada à tonelagem global dos produtos frescos comercializados pelas palaiês.

Quadro 19: Cálculo do V.A para comercialização de fresco

Produits	Valor acrescentado por tonelada vendida	Valor acrescentado global
Palaiês	20800	178 776 000
Comerciantes por grosso		8 160 650
TOTAL		186 936 650

Cálculo do valor acrescentado à transformação

Metodologia

O volume da captura transformada foi estimado definindo o equivalente em transformado dos fluxos de produtos frescos destinados à transformação. Para salga/secagem, a taxa de conversão retida é de 50% enquanto para os produtos fumados é de 60%. Os consumos intermédios e o valor acrescentado realizado por uma unidade de transformação padrão foram exprimidos em percentagem do seu volume de negócios. As percentagens obtidas foram extrapoladas ao valor comercial dos produtos em causa. A primeira etapa consistiu em calcular o valor comercial com base nos dados disponíveis seguidamente aplicar as taxas de valor acrescentado fornecidas pelas contas de exploração.

Quadro 20: Cálculo do valor comercial dos produtos transformados

Produtos	Volume da captura (em toneladas)	Preços de base (Dobras/kg)	Valor comercial (milhares Dobras)
Peixe salgado/seco	737,75	120 000	88 530 000
Peixe fumado	93,6	110 000	10 296 000

Quadro 21: Cálculo V.A dos produtos transformados

Produtos	Volume da captura (em toneladas)	Preços de base (Dobras/kg)	Valor comercial (k Dobras)	Taxa de valor acrescentado	Valor acrescentado (k Dobras)
Peixe salgado/seco	737,75	120 000	88 530 000	20,56%	18 201 768
Peixe fumado	93,6	110 000	10 296 000	38,20%	3 933 072

Cálculo do valor acrescentado à comercialização dos produtos transformados

Metodologia

O valor acrescentado à comercialização dos produtos transformados é definido como sendo igual à soma das margens comerciais realizadas sobre estes produtos pelos comerciantes grossistas. É igual à diferença entre o valor dos produtos avaliados por um lado, ao preço de consumo e por outro lado, ao preço de base.

Quadro 22: Cálculo do valor comercial dos produtos transformados

Produtos	Volume da captura (em toneladas)	Preços de base (Dobras/kg)	Valor comercial (k Dobras)	Preços ao consumo	Valor (volume x preço ao consumo) (k Dobras)
Peixe salgado/seco	737,75	120 000	88 530 000	130 000	95 907 500
Peixe fumado	93,6	110 000	10 296 000	135 000	12 636 000

Valor acrescentado para a comercialização dos produtos salgados/secos = 7 377 500 Dobras

Valor acrescentado para a comercialização dos produtos fumados = 2 340 000 Dobras

Valor acrescentado total para a comercialização dos produtos transformados = 9 717 500 Dobras

Quadro 23: Avaliação do V.A total do sector

Segmentos sector da pesca	Valor acrescentado (milhares Dobras)
Produção	369 421 214
- Pesca artesanal	337 675 216
- Pesca industrial	31 745 998
Transformação	22 134 840
- Salgado/seco	18 201 768
- Fumado	3 933 072
Comercialização	196 654 150
- Produtos frescos	186 936 650
- Produtos transformados	9 717 500
TOTAL VALOR ACRESCENTADO DO SECTOR	**588 210 204**

Elaboração das contas de subsectores

Metodologia

Para elaborar as contas dos subsectores, um quadro cruzado Agentes - subsectores foi primeiramente realizado. Este Quadro procede à uma distribuição do volume de negócios de cada Agente nos diferentes subsectores. Convém sublinhar que é o volume de negócios próprio de cada Agente que é reportado no Quadro.

Por este método, é possível ventilar, por exemplo, o volume de negócios da pesca artesanal entre os diferentes sectores nos quais participa. Esta distribuição foi seguidamente feita em percentagem.

Conhecendo o volume de negócios próprio de cada Agente em cada subsector, a taxa do valor acrescentado incluído no seu volume, deduziu-se a contribuição de cada Agente em termos de valor acrescentado à um subsector. A agregação dos valores acrescentados dos Agentes que participam num subsector permite calcular o valor acrescentado deste subsector.

ANEXO 5: QUADROS CRUZADOS AGENTES - SUBSECTORES

Quadro 24: Quadro cruzado agentes - subsector: volume de negócios próprio

Agentes	SF1	SF2	SF3	SF4	SF5
	8 595 ton.	32,2 ton.	161,4 ton.	21,3 ton.	2,8 ton.
Pesca artesanal	354 432 000	1 328 000	8 320 000	1 314 000	196 000
Pesca semi-industrial					
Palaiês	230 380 800	863200			
Comerciantes grossistas de peixe fresco		630 800	8 320 000		
Associações de pescadores e de palaiês					
Comerciantes grossistas					
Total	**584 812 800**	**2 822 000**	**16 640 000**	**1 314 000**	**196 000**

Venda do peixe em Praia Gamboa

©FAO/Lionel Kinadjian

SF6	SF7	SF8	SF9	SF10	SF11	Total subsector
468,7 ton.	234,4 ton.	1 025,2 ton.	439,3 ton.	154 ton.	11 ton.	11 147,3 ton.
		42 276 000	18 116 000	7 236 000	542 400	433 760 400
37 005 000	17 269 000					54 274 000
		8 455 200	3 676 000	1 608 000		244 983 200
						8 950 800
					-	
		4 227 600	1 816 000	2 412 000	45 200	8 500 800
37 005 000	**17 269 999**	**54 958 800**	**23 608 000**	**11 256 000**	**587 600**	**750 469 200**

Quadro 25: Quadro cruzados agentes - subsectores: distribuição dos agentes em subsectores

Agentes	SF1	SF2	SF3	SF4	SF5
	8 595 ton.	32,2 ton.	161,4 ton.	21,3 ton.	2,8 ton.
Pesca artesanal	82,13%	0,30%	1,87%	0,30%	0,05%
Pesca semi-industrial					
Palaiês	86,48%	0,29%			
Comerciantes grossistas de peixe fresco		13,21%	86,79%		
Associações de pescadores e de palaiês					
Comerciantes grossistas					

Secagem traditional em Príncipe

Valores acrescentados criados por subsectores

Valor acrescentado subsector 1

Agente	Parte do agente	VA agente
Pesca artesanal	82,13%	277 349 353
Palaiês	86,48%	173 751 504
Total VA		451 100 857

Valor acrescentado subsector 2

Agente	Parte do agente	VA agente
Pesca artesanal	0,30%	1 007 883
Palaiês	0,29%	574 714
Comerciantes grossistas de peixe fresco	13,21%	1 077 789
Total VA		2 660 386

Valor acrescentado subsector 3

Agente	Parte do agente	VA agente
Pesca artesanal	1,87%	6 314 919
Comerciantes grossistas de peixe fresco	86,79%	7 082 861
Total VA		13 397 780

Valor acrescentado subsector 4

Agente	Parte do agente	VA agente
Pesca artesanal	0,30%	1 000 058
Total VA		1 000 058

SF6	SF7	SF8	SF9	SF10	SF11	Total subsector
468,7 ton.	234,4 ton.	1 025,2 ton.	439,3 ton.	154 ton.	11 ton.	11 147,3 ton.
		9,50%	4,07%	1,63%	0,15%	100%
68,14%	31,86%					100%
		8,33%	3,57%	1,33%		100%
						100%
		68,16%		31,11%	0,73%	100%

Valor acrescentado subsector 5

Agente	Parte do agente	VA agente
Pesca artesanal	0,05%	153 373
Total VA		153 373

Valor acrescentado subsector 6

Agente	Parte do agente	VA agente
Pesca semi-industrial	68,14%	21 630 286
Total VA		21 630 286

Valor acrescentado subsector 7

Agente	Parte do agente	VA agente
Pesca semi-industrial	31,86%	10 115 712
Total VA		10 115 712

Valor acrescentado subsector 8

Agente	Parte do agente	VA agente
Pesca artesanal	9,50%	32 089 490
Palaiês	8,33%	16 738 556
Comerciantes grossistas	68,16%	6 623 043
Total VA		55 451 089

Valor acrescentado subsector 9

Agente	Parte do agente	VA agente
Pesca artesanal	4,07%	13 750 403
Palaiês	3,57%	7 172 501
Total VA		20 922 904

Valor acrescentado subsector 10

Agente	Parte do agente	VA agente
Pesca artesanal	1,63%	5 493 275
Palaiês	1,33%	2 673 565
Comerciantes grossistas	31,11%	3 023 394
Total VA		11 190 234

Valor acrescentado subsector 11

Agente	Parte do agente	VA agente
Pesca artesanal	0,15%	516 462
Comerciantes grossistas	0,73%	71 063
Total VA		587 524

ANEXO 6: QUESTIONÁRIO

Fumagem traditional em Praia Melon

©FAO/Lionel Kinadjian

CONTA DE EXPLORAÇÃO DAS UNIDADES DE PESCA ARTESANAL MARÍTIMA

ASPECTOS GERAIS

Número questionário	
Data do inquérito	Lugar inquérito
Nome do proprietário da canoa	
Tipo de pesca principalmente praticado	Número de tripulação

EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

Designação	Especificações técnicas	Preço aquisição	Duração de vida
CANOAS			
1. Canoa 1			
2. Canoa 2			
MOTORES			
1. Motor 1			
2. Motor 2			
ENGENHOS DE PESCA			
1. Redes			
2. Linhas			
3. Outros engenhos			
OUTROS			
• Coletes salva-vodas			
• Gps			

CAPTURA

- Número médio de fainas por semana
- Número médio de fainas por ano
- Duração média da faina
- Principais espécies alvos
- Captura média por faina
- Preço médio anual das capturas

DESPESAS DE EXPLORAÇÃO

- Despesa média em combustível por faina
- Despesa média em gelo por faina
- Despesa média em isco por faina
- Despesa média em alimentação por faina
- Outras despesas por faina
- Sistema de divisão das receitas

COMERCIALIZAÇÃO DA CAPTURA

- Clientelas principais
- Lugar de venda
- Modalidades de venda (venda ao Kg/venda por lote)

CONTA DE EXPLORAÇÃO DAS UNIDADES DE PESCA SEMI-INDUSTRIAL

ASPECTOS GERAIS

Número questionário

Data do inquérito | Lugar inquérito

Nome do proprietário do barco

Tipo de pesca principalmente praticado | Número de tripulação

EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

Designação	Especificações técnicas	Preço aquisição	Duração de vida
BARCA			
MOTORES			
1. Motor 1			
2. Motor 2			
ENGENHOS DE PESCA			
1. Redes de arrasto			
2. Linhas			
3. Outros engenhos			
OUTROS			
• Coletes salva-vidas			
• Gps			

CAPTURA

- Número médio de marés por mês
- Número médio de marés por ano
- Duração média de uma maré
- Principais espécies alvos
- Captura média por maré
- Preço médio anual ponderado das capturas

DESPESAS DE EXPLORAÇÃO

- Despesa média em combustível por maré
- Despesa média em gelo por maré
- Despesa média em iscos por maré
- Despesa média em alimentação por faina
- Despesa média em material de pesca por faina
- Outras despesas por maré
- Taxas pagas
- Sistema de divisão das receitas

COMMERCIALISATION DE LA PRODUÇÃO

- Clientelas principais
- Lugar de venda
- Modalidades de venda (venda ao Kg/venda por lote)

CONTA DE EXPLORAÇÃO DE MICRO-COMERCIANTES GROSSISTAS (PALAIÊS)

ASPECTOS GERAIS

Número questionário

Data do inquérito | Lugar inquérito

Nome da palaiê

EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

Designação	Especificações técnicas	Preço aquisição	Duração de vida
BACIAS			
1. Tipo 1	Capacidade (kg)		
2. Tipo 2	Capacidade (kg)		
MEIOS DE CONSERVAÇÃO			
1. Congeladores			
2. Refrigeradores			
3. Outros			
MEIOS LOGÍSTICOS PRÓPRIOS			
• Motos			
• Veículos			

ABASTECIMENTO

- Local de abastecimento principal
- Principais espécies compradas
- Modalidades de compra (ao Kg ou por lote)
- Quantidades médias compradas
- Preço médio das compras de peixe
- Valor médio das compras de peixe
- Número médio de operação de comercialização por semana

DESPESAS VINCULADAS À COMERCIALIZAÇÃO

- Despesa média em gelo por operação de comercialização
- Despesa média em transporte por operação de comercialização
- Despesa média em alimentação por operação de comercialização
- Taxas diversas pagas aquando da comercialização
- Outras despesas ligadas à comercialização

COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS

- Clientelas principais
- Lugar de venda
- Modalidades de venda (venda ao Kg/venda por lote)
- Preço médio de venda dos produtos
- Receitas médias por operação de comercialização

CONTA DE EXPLORAÇÃO DE COMERCIALIZAÇÃO POR GROSSO

ASPECTOS GERAIS

Número questionário

Data do inquérito | Lugar inquérito

Nome do grossista

EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

Designação	Especificações técnicas	Preço aquisição	Duração de vida
MEIOS DE CONSERVAÇÃO			
1. Congeladores			
2. Refrigeradores			
3. Caixas isótermicas			
3. Outros			
MEIOS LOGÍSTICOS PRÓPRIOS			
• Motos			
• Veículos			

ABASTECIMENTO

- Locais de abastecimento principais
- Fornecedores principais
- Principais espécies compradas
- Modalidades de compra (ao Kg ou por lote)
- Quantidades médias compradas
- Preço médio das compras de peixe
- Valor médio das compras de peixe
- Número médio de operação de comercialização por semana e por mês

DESPESAS VINCULADAS À COMERCIALIZAÇÃO

- Despesa média em gelo por operação de comercialização
- Despesa média em transporte por operação de comercialização
- Despesas locativas anuais
- Despesas com pessoal
- Água e Electricidade
- Taxas diversas pagas aquando da comercialização
- Outras despesas ligadas à comercialização

COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS

- Clientelas principais
- Lugar de venda
- Modalidades de venda (venda ao Kg/venda por lote)
- Preço médio de venda dos produtos
- Receitas médias por operação de comercialização
- Outras receitas ligadas à actividade

CONTA DE EXPLORAÇÃO DE SALGADO/SECO

ASPECTOS GERAIS

Número questionário

Data do inquérito | Lugar inquérito

Nome da palaiê ou do pescador

EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

Designação	Especificações técnicas	Preço aquisição	Duração de vida
Bandejas de secagem			
Tinas			
Bacias			
Facas			
Outro			

DESPESAS LIGADAS À TRANSFORMAÇÃO

- Principais espécies compradas
- Modalidades de compra (ao Kg ou por lote)
- Valor médio das compras de peixe fresco
- Despesa média de sal por operação de transformação
- Despesas com pessoal por operação de transformação
- Número médio de operação de transformação por semana e por mês
- Outras despesas ligadas à transformação

DESPESAS LIGADAS À COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS TRANSFORMADOS

- Despesas de transporte pagas em média aquando de uma operação de venda
- Despesa média em alimentação e alojamento aquando de uma operação de venda
- Comissão paga em média aos revendedores aquando de uma operação de venda
- Despesas de movimentação pagas em média aquando de uma operação de venda
- Taxas diversas pagas em média aquando de uma operação de venda
- Outras despesas

VENDA DOS PRODUTOS

- Clientelas principais
- Lugar de venda
- Modalidades de venda (venda ao Kg/venda por lote)
- Preço médio de venda dos produtos
- Receitas médias por operação de transformação

CONTA DE EXPLORAÇÃO DE PEIXE FUMADO

ASPECTOS GERAIS

Número questionário

Data do inquérito | Lugar inquérito

Nome da palaiê

EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

Designação	Especificações técnicas	Preço aquisição	Duração de vida
Fornos de fumagem			
Tinas			
Bacias			
Facas			
Outro			

DESPESAS VINCULADAS A TRANSFORMAÇÃO

- Principais espécies compradas
- Modalidades de compra (ao Kg ou por lote)
- Valor médio das compras de peixe fresco
- Despesa média em combustível por operação de transformação
- Despesas com pessoal por operação de transformação
- Número médio de operação de transformação por semana e por mês
- Outras despesas ligadas à transformação

DESPESAS LIGADAS À COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS TRANSFORMADOS

- Despesas de transporte pagas em média aquando de uma operação de venda
- Despesa média em alimentação e alojamento aquando de uma operação de venda
- Comissão paga em média aos revendedores aquando de uma operação de venda
- Despesas de movimentação pagas em média aquando de uma operação de venda
- Taxas diversas pagas em média aquando de uma operação de venda
- Outras despesas

VENDA DOS PRODUTOS

- Clientelas principais
- Lugar de venda
- Modalidades de venda (venda ao Kg/venda por lote)
- Preço médio de venda dos produtos
- Receitas médias por operação de transformação

ANEXO 7: LISTA DAS PESSOAS ENCONTRADAS

Helder MUTEIA | Coordenador sub-regional para a África Central e Representante da FAO no Gabão e em São Tomé e Príncipe
Lionel Kinadjian | Funcionário Encarregado das pescas e Aquicultura no Escritório sub-regional da FAO para a África Central
Argentino Dos Santos | Assistente ao Representante da FAO em São Tomé e Príncipe
Joao Gomes Pessoa Lima | Director-geral das Pescas (DGP)
Augusto Ferreira Diogo | Chefe serviço de inspecção sanitária / DGP
Virginia Godinho CARVALHO | Inspectora, Responsável do Controlo sanitária / DGP
Graciano Costa | Responsável Pesca artesanal / DGP
Amarílio Neto | Responsável crédito / DGP
Gervásio do Rosário | Responsável Pesca industrial / DGP
Ilair Da Conceição | Responsável do Serviço de Estatísticas das pescas / DGP
José Cardoso Cassandra | Presidente Região Autónoma de Príncipe (RAP)
Eritalve Dores P. J. Costa | Serviços económicos RAP
Damião Santiago | Responsável das estatísticas das pescas / RAP
Edson Sanches Fernandes Moniz | Coordenador Programa Nacional de Alimentação e de Saúde Escolar (PNASE)
Manuel Jorge CARVALHO | Director ONG MARAPA
Elisio neto do Espirito Santo | Técnico ONG MARAPA
Ayarla Trigeiros | Projecto BAD, PRIASA (Projecto de Reabilitação das Infra-estruturas de Apoio à Segurança Alimentar)
Jairson Dias Cabral | Responsável comercial Grupo hoteleiro PESTANA
Otiniel Aguiar | Responsável comercial Supermercado CKDO
Alda Ramos | Presidente ONG Quá Téla
Adriana Silva | Responsável cozinha Hospital Central Dr. Aires Menezes
Lieutenant Calú Silveira | Responsável compras nas Forças Armadas
Sergent Teotónio Santos | Responsável das compras na Guarda Costeira
Germano Silveira | Presidente da Federação das palaiês e dos pescadores
Eleutério Santos | Secretário-geral da Federação dos palaiês e pescadores
Argentina do espirito santo Soares | Presidente Associação dos palaiês de Porto Alegre
Plácida Fonseca | Associação das palaiês de Porto Alegre
Gilberto Santo | Associação das palaiês de Praia Melão
Abílio Lomba | Associação dos pescadores de Porto Alegre
Horácio Santos | Associação dos pescadores de Micolo
Joaquim Virgílio da Costa | Associação dos pescadores de Micolo
Pedro Lourenço | Associação dos pescadores e palaiês de Ribeira Afonso
Adérito Manuel | Associação dos pescadores e palaiês de Ribeira Afonso
Filomena Roque | Association des palayès de Neves
Maria Lídia Cruz Pires | Associação dos pescadores de Neves
António Faustino | Associação dos pescadores de Neves
Viriato de Sousa | Armador pesca semi-industrial
Luiz Varela | Armador pesca semi-industrial
Ilidio Oliveira Diogo | Armador pesca semi-industrial
M. Fonseca | Comerciante vendedor grossista em Sao Tomé
Pescadores e palaiês de Praia Gamboa
Pescadores e palaiês de Messias Alves

Pescadores e palaiês de Angolares
Pescadores e palaiês de Malanza
Pescadores e palaiês de Hospital de Velho
Pescadores e palaiês de Praia Abade
Pescadores e palaiês de Capitania
Pescadores e palaiês de Praia Burra
Pescadores e palaiês de Praia Campanha
Pescadores e palaiês de Praia Esprainha
Pescadores e palaiês de Água Tomá
Pescadores e palaiês de Bairro Bengá
Pescadores e palaiês de Santa Catarina
Pescadores e palaiês de Bairro Rosema

ANEXO 8: BIBLIOGRAFIA

Observatório económico das Pescas do Senegal (OEPS), 1996. Metodologia de análise de fileira e elaboração das contas económicas do sector da pesca. 34 pág. + anexos

Dr. Hélène Coulibaly, 2014. Relatório de missão de identificação das problemáticas sanitárias no sector das pescas que dificultam o comércio com a Comunidade Europeia. 11 pág. + anexos

Diário oficial da União Europeia JO protocolo 2014-18 FR, alterado em 13-08-2015. PROTOCOLO que fixa as possibilidades das pescas e a contrapartida finaceira previstas pelo acordo de parceria no sector da pesca ente a União Europeia e a República Democrática de São Tomé e Príncipe. 24 pág.

COFREPECHE, NFDS, POSEIDON e MRAG, 2013. Avaliação retrospectiva e prospectiva do Acordo de Parceria no domínio das pescas entre a União Europeia e a República Democrática de São Tomé e Principe. Contrato quadro MARE / 2011/01 – Lote 3, contrato específico n°5. Bruxelas. 124 pág.

Sébastien Djiénouassi, 2016. Avaliação da contribuição da pesca marítma artesanal para o PIB dos países membros da COREP. 24 pág. + Anexos

República Democrática de São Tomé. 2012. Plano Nacional de Investimento Agrícola, Segurança Alimentar e Nutritiva (PNIASAN) 2016-2020, 79 pág. + Anexos

República Democrática de São Tomé. 2012. Segunda Estratégia Nacional de Redução da Pobreza. 2012-2016. 123 pág. + Anexos

ME, 2006. Carta de política agrícola actualizada para o desenvolvimento rural e das pescas –(Volume 1). TCAS – Documento de Trabalho No 70 Setembro de 2006 Ministério da Economia (ME). Direção de Planificação e Estudos (DPE). Apoiado pela FAO em colaboração com o PNUD e o FIDA. 157 pág.

Ilair Da Conceição Responsável Pela Divisão de Estatísticas DP Junho 2014. Relatório de Principais Resultados do Censo Geral da Frota de Pesca Artesanal/Semi-Industrial/ Empresas e Serviços Ligados a Pesca 17 pág. + anexos

Horemans, B., J. Gallène e J. C. Njock.- 1994 Revista sectorial da pesca artisanal em São Tomé e Principe. Programa de Desenvolvimento Integrado das Pescas Artisanais em Africa do Oeste (DIPA), 31 pág. + anexos, DIPA/WP/55

Océanic Développement, Megapesca, 2009. Revista dos elementos da Estratégia do Sector e do Plano Directores das Pescas de Sao Tome e Príncipe no quadro do Apoio sectorial previsto no acordo de parceria da pesca CE/São Tomé e Príncipe para o período 2006-2010. 68 pág. + anexos

FAO, 2009. Ndiaye, O.; Diei-Ouadi, Y. Da Canoa ao prato: equipamentos melhorados através da manutenção e de transformação para a pesca artesanal. FAO Documento técnico sobre as pescas e a aquicultura. N° 535. Roma, FAO. 2009. 65 pág.

Lei N°9/2001 sobre as pescas e os recursos haliêuticos. Diário da República de São Tomé e Príncipe N° 8 de 31 de Dezembro de 2001.

Lei N°04.2012 que estabelece a criação do PNASE. Diário da República de São Tomé e Príncipe N° 4 de 27 de Janeiro de 2012.

Decreto Geral N°28/12 relativo ao exercício das actividades de pesca e dos recursos haliêuticos na República Democrática de São Tomé e Príncipe. Diário da República de São Tomé e Príncipe N° 105 de 3 de Setembro de 2012.

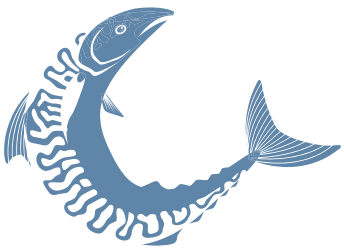
DGP. Lista das principais espécies capturadas em São Tomé e Príncipe. 13 pág.

FAO, 2009. Programa integrado de refundação das pescas Relatório FAO/SFC /STP junho de 2009. 53 pág. + anexos

FAO, 2016 Documento de acordo de projecto a título do TCP. Título do projecto: Apoio à melhoria da co-locação no mercado dos produtos haliêuticos em São Tomé e Príncipe. Código do projecto TCP/STP/3603 ; 31 pág. + anexos

FAO, 2015. República Democrática de São Tomé Quadro de programação país 21 pág. + anexos

MPD, 2011. Relatório preliminar do estudo socioeconómico das comunidades de pescadores artesanais de São Tomé e Príncipe 2011-2012. Ministério do Plano e Desenvolvimento. Direcção-geral da Agricultura e Pesca. MARAPA, CETMAZR, AECID. 40 pág



©FAO/Joseph Catanzano

Parceiros do projeto:

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO)

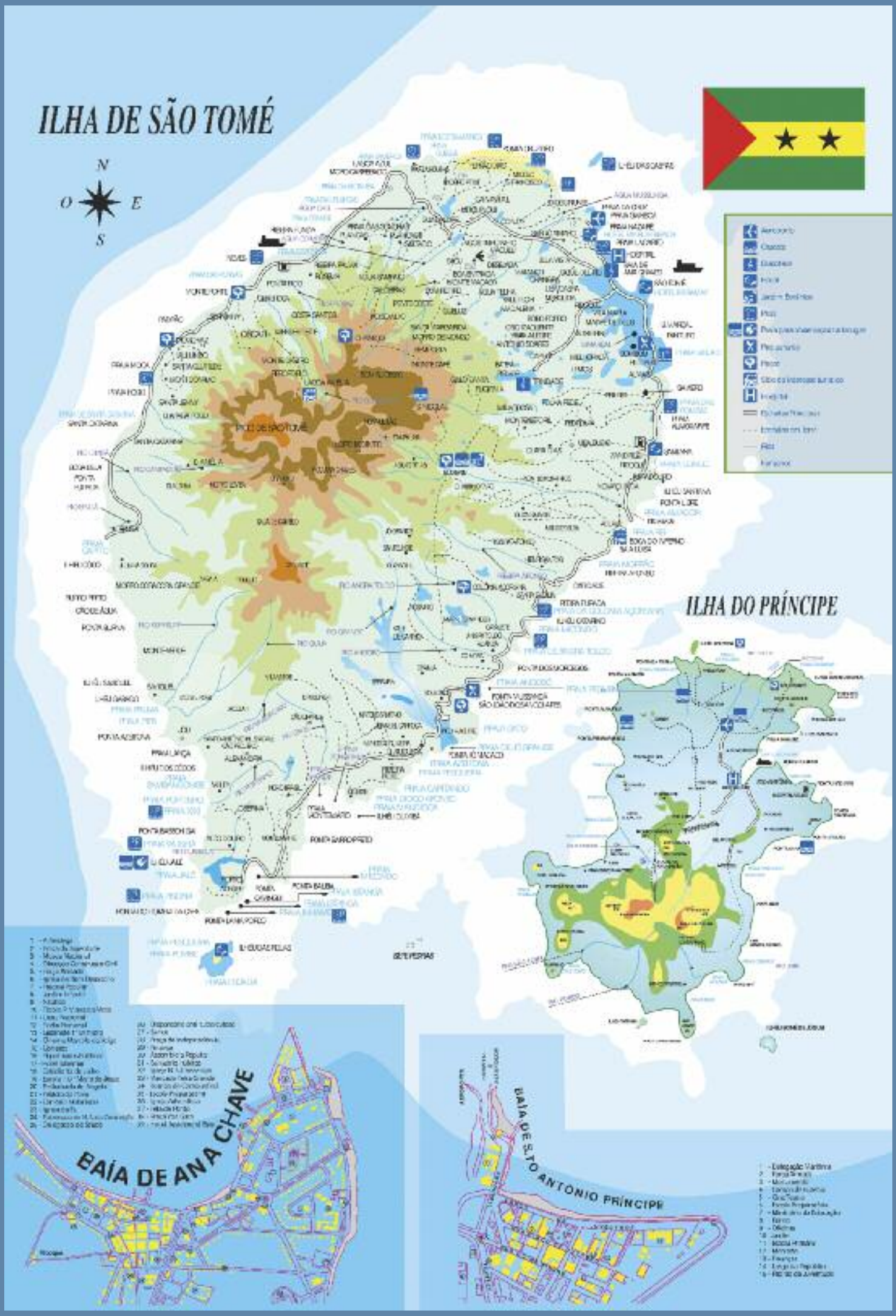
A FAO tem como mandato a luta contra a fome e insegurança alimentar e nutricional no mundo. Entre outros esforços desenvolvidos em prol deste objetivo, a Organização trabalha para melhorar os níveis de nutrição, a productividade agrícola, a gestão sustentável dos recursos naturais e a qualidade de vida das populações rurais e contibuir para o crescimento da economia mundial.

Elementos da FAO que participaram na elaboração do projeto:

Lionel Kinadjian, Foncionário Responsável das pescas e da aquacultura no Escritório Sub Regional da FAO para a Africa Central
Alioune SY, Consultor Internacional FAO
Olivio Soares DIOGO, Consultor Nacional FAO

Concepção do projeto:

Layout pela agência MondoForte LLC



Source: http://ontheworldmap.com - free printable maps

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA (FAO)

REPRESENTAÇÃO DA FAO EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural
Avenida Marginal 12 de Julho, CP 47

www.fao.org

ISBN 978-92-5-131820-1

9 789251 318201

CA5053PT/1/10.19